OUTUBRO DE 2026

EDIÇÃO 02

REVISTA

Vozes & Letras

ACADEMIA DE LETRAS DE INDAIATUBA



46
Entrevista com
ANTÔNIO DA CUNHA PENNA

17
Dom José de Camargo Barros e a imprensa católica

23
Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses

53
Ciência & Arte: um diálogo possível

SUMÁRIO

Diretoria 2025/2026

Presidente
José Henriques Martins

Vice-Presidente
Jacimara Martins Siqueira de Miranda

1ª Secretária
Analma Queiroz Moura

2ª Secretária
Adriana Silva Barbosa

1º Tesoureiro
Marcelo Castro Bomfim

2º Tesoureiro
Maria José Amgarten Rodolfo Gonella

Conselho Fiscal
Sueli de Sá Giovani
Darcio Calligaris
Cintia Henriques

Revista Vozes & Letras

Comissão Editorial
Rubens Pantano Filho (coordenador)
Analma Queiroz Moura
Fernanda Misumi
Jacimara Martins Siqueira de Miranda
Marcelo Castro Bonfim
Mariane Gomes Sievert Naschenweng

Revisão
Fernanda Misumi
Rubens Pantano Filho

Imagem da Capa
B.jars. Interior da Biblioteca Iberoamericana Octavio Paz em Guadalajara, México. 2023. Disponível em: *https://commons.wikimedia.org*

Produção Editorial e Projeto Gráfico
Rodrigo Angelotti dos Santos
rodrigo.angelotti@hotmail.com

Diagramação e publicação
Jean-Frédéric Pluvinage • Editora FoxTablet
jean@foxtablet.com.br
www.foxtablet.com.br

Academia de Letras de Indaiatuba
Biblioteca Municipal Antônio Modanesi
Rua das Primaveras, nº 450, Vila Bérgamo
CEP: 13345-115
Tel.: (19) 3834-6319
Indaiatuba/SP

Contato e mídias
comissaoeditorialdaali@gmail.com
www.ali.org.br
www.instagram.com/letrasdeindaia
www.youtube.com/@letrasdeindaia
academiadeletrasdeindaiatuba@gmail.com

As colaborações são solicitadas.

Os artigos refletem exclusivamente às opiniões dos autores, sendo eles também responsáveis pela exatidão das citações e referências bibliográficas de seus textos.

1 A Tessitura do Pensamento, da Arte e da Ciência…
3 Palavras do Presidente
4 A Furberia de um mendigo…
5 Uma grande lição do sabiá-do-campo
7 Caminhos de Sol e Pedra
9 Teias docentes
10 O Natal de Azulinda
13 A Educação Socioemocional na Formação Integral
15 A República e a Educação Primária Popular no Brasil
17 Dom José de Camargo Barros e a imprensa católica
19 Porta estreita e Porta Larga
21 Pausa para um café
23 Conhece-te a ti mesmo…
25 Da infância poética à vida adulta patética
26 O grande debate sobre o centro do Universo
30 O pai contemporâneo
32 No Espaço da Resposta
34 A felicidade
35 Atordoa-me
36 Em memória dos olhos assustados
38 Gameleira da minha infância
39 Felicidade
40 Lampião e seu bando
44 À procura de um leitor
46 Entrevista com Antônio da Cunha Penna
48 Teoria Fuzzy
53 Ciência & Arte: um diálogo possível
58 As Comissões da ALI
60 Academia de Letras de Indaiatuba

A Tessitura do Pensamento, da Arte e da Ciência em Nossa Casa de Letras



Rubens Pantano Filho
Cadeira n.º 31 – Patrono: Mário Quintana
Coordenador Editorial

É com imensa alegria e consciente responsabilidade que trazemos aos leitores esta nova edição da revista ***Vozes & Letras***, publicação oficial da Academia de Letras de Indaiatuba (ALI). Na condição de coordenador editorial, observar a riqueza e o vigor analítico que compõem este número é testemunhar a literatura em sua vocação mais nobre: a de servir como ponte entre múltiplos saberes, sensibilidades e memórias.

A presente edição traduz um arranjo plural de seções e autores que, partindo do chão da nossa terra e da nossa cultura, projetam reflexões universais. Ao percorrermos as páginas desta publicação, deparamo-nos com um mosaico no qual o rigor acadêmico, o lirismo poético, a narrativa cotidiana e a profundidade filosófica dialogam harmoniosamente.

Na seção **Destaque**, o acadêmico Alberto Martins apresenta o instigante ensaio *"Teoria Fuzzy – da linguagem humana à representação matemática"*. Ao examinar as pontes entre a gradação dos conceitos linguísticos e o formalismo da Lógica, o autor demonstra como a ciência pode acolher as nuances da percepção humana, unindo o ato de sentir, conceituar e decidir nos domínios da Inteligência Artificial e dos sistemas complexos.

A relação simbiótica entre a criação cultural e o conhecimento encontra desdobramento também na seção **Destaque**, com o ensaio *"Ciência & Arte: um diálogo possível"*, de Rubens Pantano Filho. O texto investiga o uso interdisciplinar da dança — do balé ao forró, do *Sway Pole* à Capoeira e à Dança dos Voadores — para o ensino da Mecânica Newtoniana. Com isso, o autor rompe a falsa dicotomia entre corpo e mente, mostrando que a Física também constitui expressão vívida da cultura humana.

Nossa **Entrevista** destaca a vida e a obra de Antônio da Cunha Penna, membro honorário da ALI, conduzida por Jacimara Miranda. Ao relatar sua trajetória pelas artes plásticas, pela fotografia e pela literatura indaiatubana, o homenageado reafirma o papel fundamental da Academia no fomento à leitura e no resgate da memória local.

A reflexão sobre as instituições formais e seu papel transformador atravessa os artigos da seção de **História** e de **Educação**. Silvane Leite Poltronieri, em *"A República e a Educação Primária Popular no Brasil (parte 2)"*, oferece uma análise historiográfica sobre a criação dos Grupos Escolares e a expansão do ensino primário em São Paulo. No campo histórico e da imprensa, nosso convidado Luís Roberto de Francisco, da Academia Ituana de Letras (ACADIL) retrata a figura do bispo indaiatubano Dom José de Camargo Barros e sua atuação pioneira na

imprensa católica e na mobilização de intelectuais leigos no início da República. Complementando o debate educacional contemporâneo, Sueli de Sá Giovani assina *"A Educação Socioemocional na Formação Integral"*, ressaltando a obrigatoriedade da BNCC e defendendo que o aprendizado afetivo, ético e empático deve caminhar de forma transversal e indissociável ao desenvolvimento cognitivo.

Na seção **Leitura**, abrimos espaço para a crítica cultural, social e do mercado editorial. J. R. Guedes de Oliveira assina *"Lampião e seu bando: banditismo, vestimenta e vaidade"*, examinando a estética, a tática e a mística em torno do cangaço. Em seguida, J. H. Martins traz o tocante e lúcido manifesto *"À procura de um leitor"*, denunciando as barreiras enfrentadas pela literatura independente no Brasil e convocando o leitor a agir como ponte ativa para novas vozes.

A sensibilidade humana ganha matizes profundos na seção de **Poesias**. As nuances do existir perpassam o poema *"A felicidade"*, de Renato Paulo Schmidt (com participação de Marcela Schmidt); o texto em prosa poética *"No Espaço da Resposta"*, de Marcos Vieira; a denúncia comovente em *"Em memória dos olhos assustados"*, de Cintia Henriques; o canto elegíaco e ecológico em *"Gameleira da minha infância"*, de Diana Scarpine; além das contribuições líricas dos acadêmicos da Academia Campinense Maçônica de Letras (ACML): Getúlio Canuto Vieira, com *"Felicidade"*, e Aléssio Biondo Júnior, com *"Atordoa-me"*.

Por fim, na seção **Crônicas** e no espaço de **Reflexões**, o leitor encontrará a sabedoria das cenas cotidianas e morais. Da sutileza bem-humorada de Maria José Amgarten Rodolfo Gonella, *"A Furberia de um mendigo..."*, às profundas lições da fauna em *"Uma grande lição do sabiá-do-campo"*, de Alexandre Cardoso, o cotidiano se revela um mestre. Na mesma linha, Álvaro Roberto Rezende Júnior nos guia em uma viagem de resgate ancestral por Puglia, "*Caminhos de Sol e Pedra"*; Rosângela Silva homenageia a nobreza da docência em *"Teias docentes"*; e Marta Ribeiro da Silva resgata a verdadeira essência do acolhimento em *"O Natal de Azulinda"*. Fechando o tomo, as reflexões morais e existenciais de Darcio Calligaris, *"Porta estreita e Porta Larga"*; Marcelo Castro Bomfim, *"Pausa para um café"*; Jairo Efigênio Corrêa da Silva., "*Conhece-te a ti mesmo..."*; Jon Brodsky, "*Da infância poética à vida adulta patética"*; Rubens Pantano Filho, "*O grande debate sobre o centro do Universo";* e Nye Ribeiro Silva, com *"O pai contemporâneo",* convidam-nos à pausa, à introspecção e ao autoconhecimento.

A revista ***Vozes & Letras*** cumpre, assim, seu propósito maior: registrar a memória, cultivar a beleza e promover a livre circulação das ideias. Convidamos todos os leitores a desfrutarem deste banquete intelectual e afetivo.

Boa leitura!

DR. DJALMA FARIA
ORTODONTIA
ORTODONTIA • TECNOLOGIA • CUIDADO
@drdjalmafaria
www.drdjalmafaria.com.br

Palavras do Presidente



J. H. Martins
Cadeira nº 01 – Patrono Machado de Assis
Presidente da ALI

É com renovada alegria que apresentamos a segunda edição da **Revista Vozes e Letras**, um espaço que nasce e se fortalece pela convicção de que a literatura continua sendo uma das mais poderosas formas de preservar memórias, despertar consciências e aproximar pessoas.

Chegar a esta nova edição representa mais do que dar continuidade a uma publicação. Significa confirmar um propósito: abrir caminhos para que diferentes vozes encontrem espaço, para que ideias circulem, para que escritores compartilhem sua sensibilidade e para que leitores descubram novas maneiras de compreender o mundo e a si mesmos.

Cada página desta revista carrega algo singular. Há nela experiências, pensamentos, histórias, poesia, conhecimento e, sobretudo, a presença de pessoas que acreditam no poder transformador da palavra. Escrever é também deixar vestígios de nossa passagem pelo tempo. Ler é permitir que esses vestígios encontrem novos sentidos em outras vidas.

A Academia de Letras de Indaiatuba reafirma, por meio da **Vozes & Letras**, seu compromisso com a cultura, com a valorização da produção literária e com o incentivo permanente à leitura e à escrita. Uma academia não deve ser apenas guardiã da literatura já construída; precisa também participar ativamente da literatura que está sendo criada, revelada e compartilhada no presente.

Nesta segunda edição, celebramos aqueles que escrevem, aqueles que leem e todos os que, de alguma forma, mantêm viva a palavra. Celebramos também o encontro entre gerações, estilos, experiências e diferentes formas de expressão, porque a literatura se torna ainda maior quando acolhe a diversidade das vozes humanas.

Que esta revista continue crescendo, alcançando novos leitores e oferecendo espaço para ideias capazes de emocionar, provocar reflexões e construir pontes.

A todos os autores, colaboradores e pessoas envolvidas na realização desta edição, deixo meu reconhecimento e agradecimento.

E a você, leitor, faço um convite simples: percorra estas páginas sem pressa. Permita-se encontrar nelas uma frase, uma história, um pensamento ou um verso capaz de permanecer com você mesmo depois que a última página for virada.

Porque, enquanto existirem vozes dispostas a contar histórias e pessoas dispostas a ouvi-las, a literatura continuará cumprindo sua mais bela missão: aproximar seres humanos por meio das palavras. ■

A Furberia de um mendigo…

Uma história bem do jeito Italiano!



Maria José Amgarten Rodolfo Gonella
Cadeira nº. 06 – Patrona: Sylvia Teixeira de Camargo Sanazzaro



Fonte: imagem gerada por IA.

Um homem, mal vestido, todo dia se assentava no gramado de um jardim, com seu cãozinho do lado e uma tabuleta escrita: **"Tenha caridade de um pobre cego"**.

Levava também um chapéu que, aberto no chão, estimulava as pessoas que passavam a se sensibilizarem e a pôr nele o que podiam para ajudar aquele pobre pedinte.

Um dia ensolarado, ao fazer a ronda, um policial passa por aquele local e vê que o pedinte tranquilamente lê um jornal. Assustado, lhe disse:
— Mas como você é cego e lê jornal?

O homem então deu um salto e respondeu ao policial: — Eu, eu não sou cego não, eu vejo bem Graças à Deus, mas, o meu cão que é cego, coitado…

O espertalhão não devia gostar de trabalhar não é? ■

"TENHA CARIDADE DE UM POBRE CEGO".

Uma grande lição do sabiá-do-campo



Alexandre Cardoso
Cadeira nº 19 – Patrono José de Alencar



Fonte: O autor. **Um sabiá-do-campo.** ***2026.***

No momento em que escrevo estas linhas, minha esposa e eu estamos vivenciando uma situação inédita e até engraçada, nestes vinte e cinco anos juntos.

Temos um belo jardim, cuidado com muito carinho por Kelma, com diversas espécies de flores e plantas, incluindo uma pequena árvore do gênero *Pleomele*, ao lado do pórtico de entrada da casa.

No andar superior, comecei a perceber, frequentemente, um passarinho no fio do poste de energia próximo à janela de meu escritório, com a sensação de estar sendo observado. Os galhos mais altos ficam abaixo da janela. Até então, nossa casa recebia a visita de passarinhos de diversas espécies, como bem-te-vis e pardais. Estes últimos apareciam diariamente para "assaltar" o pote de ração de minha gata. Abro aqui um parêntese: perguntei em uma casa agropecuária que tipo de alimento eu deveria colocar para que eles parassem de comer a ração. Porém, o funcionário disse que não adiantaria, porque os passarinhos já haviam entendido que ela era muito mais nutritiva e continuariam preferindo a da felina. Moral da história: dois potes de ração, um para os sabiás e outro para a Nina. Fecho o parêntese.

Sobre o pássaro "espião", cuja espécie eu desconhecia até então, lembrando um sabiá, mas com algumas pequenas diferenças, repentinamente passou a dar voos rasantes sobre nossas cabeças e a acompanhar nossos passos do jardim até a garagem, até entrarmos no carro. Quando tentamos afastá-lo com as mãos, ele fica mais irritado, abrindo as asas e piando.

Percebi o piado de filhotes na *Pleomele* e, então, supus que se tratava de uma mãe defendendo o ninho. Após enfrentá-la, surgiram mais pássaros, que agora agiam de forma ameaçadora e em bando. O que me impressionou nessa situação foi a valentia do pequeno pássaro. Tirei uma

PESQUISANDO SOBRE ESSA ESPÉCIE, DESCOBRI QUE NÃO É APENAS A MÃE QUE AVANÇA PARA PROTEGER SEUS FILHOTES: O PAI TAMBÉM PARTICIPA E SE A AMEAÇA FOR MAIOR AMBOS AVANÇAM

foto, publiquei-a no Google e descobri que se tratava de um sabiá-do-campo.

Pesquisando sobre essa espécie, descobri que não é apenas a mãe que avança para proteger seus filhotes: o pai também participa e se a ameaça for maior ambos avançam, acompanhados dos irmãos mais velhos. Isso explica o aumento repentino do número de pássaros em meu jardim.

Eles utilizam um sistema social reprodutivo chamado reprodução cooperativa, no qual, além dos pais, os irmãos mais velhos de uma ninhada anterior auxiliam na criação, na alimentação e na proteção dos filhotes do novo ninho. Graças a essa estratégia, a espécie vem se perpetuando eficientemente nos meios urbano e rural.

Nós brincamos com a situação e temos a sensação de estar em cárcere privado, pois, todas as vezes que abrimos a porta, logo um sabiá-do-campo nos encara de forma ameaçadora, piando e abrindo as asas nervosamente. Carinhosamente, apelidamos o grupo de "Gangue do Sabiá".

Analisando esse sistema e fazendo uma comparação com os seres humanos, vejo o quanto podemos aplicar esse exemplo em relação aos filhos, vulneráveis principalmente nas redes sociais, independentemente do controle dos adultos responsáveis.

Mesmo quando os perfis contêm mensagens informando que são monitorados por um adulto responsável, os predadores ainda conseguem burlar o controle. Além disso, os avanços da inteligência artificial, capazes de modificar áudios e imagens, podem instigar a interação privada entre um adulto e um menor de idade, ocasionando a prática de crimes contra a integridade infantil.

Aprendamos com o sabiá-do-campo sobre o fortalecimento do vínculo familiar, que é uma arma poderosa de proteção à criança e ao adolescente. É necessário criar um ambiente seguro para conversar, ouvir o que eles têm a dizer e alertá-los sobre as armadilhas existentes pelo caminho.

O diálogo franco, sincero e acolhedor é muito importante para a prevenção contra a importunação e a violência direcionadas aos filhos.

Os sabiás-do-campo somente abandonam a agressividade quando suas crias aprendem a voar e saem pelo mundo em busca de sua subsistência. A partir de então, pais e filhos ganham o mundo, deixando para trás o ninho onde antes havia proteção.

Associação Beneficente ABID Desde 1999
A.B.I.D
Junte-se a nós nessa jornada!
Rua Ademar de Barros, 759 – Centro - Indaiatuba/SP – 13330-130
Telefone: (19) 2516-8202

Caminhos de Sol e Pedra:

Uma Jornada pela Puglia



Álvaro Roberto Rezende Júnior
Cadeira nº 20 – Patrono Darcy Ribeiro



***Fonte: MPhernambucq*. Uma rua com casas trulli em Alberobello. *2021*.**
Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Cruzar as estradas italianas ao final do verão europeu de 2026 foi muito mais do que uma jornada de férias; foi o reencontro profundo com a minha própria ancestralidade. Como descendente de italianos, ver de perto a terra de onde partiram meus bisavós maternos despertou em mim um sentimento avassalador de pertencimento. De repente, meu hábito de falar alto e gesticular

Ver de perto a terra de onde partiram meus bisavós maternos despertou em mim um sentimento avassalador de pertencimento…

expressivamente com as mãos ganhou significado: era a herança viva correndo em minhas veias. Essa conexão emocional guiou meus passos desde Bari, a vibrante porta de entrada, até o interior repleto de charme do Vale do Itria. Dirigir por aquelas estradas impecáveis, ladeadas por oliveiras centenárias e muros de pedra calcária, trouxe uma indescritível sensação de liberdade.

Sob a luz dourada de setembro, cada parada revelava uma nova faculdade da história e da geografia locais. Em Alberobello, caminhei entre os icônicos trulli, construções cônicas de pedra que parecem saídas de um conto de fadas, seguidas pela elegância circular de Locorotondo e a imponência barroca de Martina Franca. Foi nessa região única que vivi uma das experiências gastronômicas mais autênticas da viagem: saborear o legítimo *orecchiette*, uma massa artesanal moldada com as mãos, cujo segredo de preparo é guardado exclusivamente pelas *nonnas* locais.

Ao avançar em direção ao litoral, a geografia italiana se impôs de forma esplêndida. Em Polignano a Mare e Monopoli, debrucei-me sobre as falésias que esculpem o Mar Adriático. Contornando a península salentina para além da fascinante "cidade branca" de Ostuni, cheguei a Gallipoli, banhada pelo Mar Jônico. Ali, viver a experiência de nadar nas águas de um mar interior e historicamente confinado foi transformador. Geograficamente, o Brasil não nos dá essa possibilidade, pois nossa vasta costa é inteiramente ladeada pelo Oceano Atlântico aberto. Mergulhar no Jônico, com suas águas calmas, mornas e de um azul-turquesa absurdamente translúcido, revelou a diferença sutil entre a imensidão oceânica e a serenidade protegida de uma bacia marítima milenar.

A viagem ganhou contornos ainda mais inesquecíveis em Lecce, a "Florença do Sul". Entre fachadas de pedra pombalina, entreguei-me aos prazeres do paladar: o delicioso *pasticciotto*, com sua massa folhada crocante e recheio de creme bem quente, harmonizado perfeitamente com os melhores vinhos rosés da região, cujas notas frescas e elegantes traduzem o *terroir* único do Salento. Por fim, a travessia rumo à vizinha Basilicata me levou a Matera. Caminhar por seus *sassi*, as antigas grutas escavadas na rocha, encerrou com chave de ouro uma epopeia de sol, mar, história e sangue, onde o passado de minha família finalmente encontrou o seu lugar. ■

Somos do Bem 50 anos
Há 50 anos mostrando que ser bom faz bem!

Teias docentes



Rosângela Silva
Cadeira nº 17 – Patrona Cecília Meireles



Fonte: Sergio Amaral/MDS*. Professora de Matemática do CIEP Ministro Salgado Filho, Camile Dias Simão Morestrello, em sala de aula.** ***2014. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

A professora era a primeira a chegar na escola. Se dirigia à sua sala e começava o dia cuidando do espaço físico. Organizava as carteiras, distribuía os materiais, preparava sua mesa, arranjava sua lousa de forma pedagógica, com gizes coloridos e letras arredondadas que causavam grande admiração dos colegas.

Ali começava a tecer a sua teia diária, ainda sem a presença física dos alunos, secretando finos fios de seda, quase invisíveis, mas, ao fabricá-los conseguia naquele espaço, capturar olhares, atenção, memórias e aprendizagens diversas.

A complexidade do processo ensino-aprendizagem, a falta de reconhecimento, o baixo salário, a falta de incentivos não tirava da docente o amor colossal, envolvente e regado de compromisso ético e moral.

Tão raro, tão bonito de ver. Banquete preparado.

Nas suas teias de captura, seduzia seus alunos com tanta dedicação, fala firme e amorosa, que ressoava o quanto amava o que fazia.

Suas teias de refúgio, em forma de casa capturavam as famílias pela maneira profunda com que transmitia segurança e competência para lidar com as exigências cotidianas.

Tantas vezes suas teias de muda fizeram com que ela própria se transmutasse em tantas outras para conseguir ser ponte que levasse informação, conhecimento e repertório cultural.

E suas teias de cópula eram sementeiras fortes para o nascimento de novos conhecimentos, luzindo o entorno da sua sala.

Para ela, o chão, a vala da sala era seu território sagrado, possibilidade real e concreta de ver nascer ali, uma conexão profunda e verdadeira que fizesse brotar probabilidades diversas de transformação da realidade, tecida por suas mãos acolhedoras e produtivas.

Quem olhava bem, podia enxergar, inúmeros fios brilhosos, sedosos, formando desenhos extraordinários, que combinavam muito bem com as linhas esculpidas no cérebro sináptico daquelas crianças, grandemente estimuladas e conduzidas pela professora.

Tudo sempre tão raro, tão bonito de ver. Banquete saboreado.

O Natal de Azulinda



Marta Ribeiro da Silva
Cadeira nº 30 – Patrono: Fernando Pessoa



Fonte: Senado Federal*. Creche Magia dos Sonhos, Arapoanga, em Planaltina-DF.** ***2017.
Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Naquele ano, a professora decidiu que o Natal seria diferente. Alfabetizadora por paixão e por escolha, ela acreditava que ensinar crianças ia muito além de apresentar letras, sílabas e palavras. Para ela, cada criança carregava uma história que precisava ser lida com os olhos, com os ouvidos e, principalmente, com o coração.

Foi assim que chegou a um orfanato onde viviam cerca de cinquenta crianças. Algumas estavam ali apenas por um período, afastadas de suas famílias enquanto adultos e instituições tentavam encontrar um novo caminho. Outras não tinham família para onde voltar e aguardavam, silenciosamente, que um dia alguém chegasse e dissesse: — Eu escolhi você.

A professora começou seu trabalho levando histórias, brincadeiras e atividades. Aos poucos, foi conquistando a confiança das crianças. Sentava-se no chão, ouvia suas histórias, ajudava nas tarefas e descobria, em cada olhar, um universo diferente.

Quando o Natal se aproximou, teve uma ideia.

— Vamos fazer uma festa?

Os olhos das crianças brilharam.

Mas ela queria mais do que uma festa. Queria construir com elas uma lembrança bonita, daquelas que permanecem mesmo quando o tempo passa.

Organizou, então, uma campanha de arrecadação de brinquedos. Alguns amigos e voluntários se juntaram ao projeto. As caixas começaram a chegar: bolas, bonecas, carrinhos, jogos, livros, bichos de pelúcia e tantos outros brinquedos que, por alguns dias, o espaço parecia uma pequena fábrica de sonhos.

Mas ainda faltava alguma coisa. Uma apresentação.

Escolheram uma peça de Natal chamada **"Azulinda, a Bruxinha que Amava o Natal"**.

Durante semanas, as crianças ensaiaram. Algumas decoravam as falas rapidamente. Outras esqueciam tudo assim que começavam a ensaiar. Havia risadas, improvisos, pequenas discussões e muita diversão.

A professora acompanhava tudo com paciência. E decidiu fazer uma surpresa.

No dia da apresentação, apareceu vestida de Azulinda. Usava um vestido colorido, um chapéu pontudo e uma maquiagem que deixava seu rosto ainda mais engraçado. Entrou no espaço fazendo graça e, por alguns segundos, ninguém falou nada.

Depois, as crianças começaram a rir. Riram alto. Riram juntas.

E naquele instante a professora percebeu que a magia já havia começado.

Azulinda era uma bruxinha diferente. Não fazia feitiços para transformar pedras em ouro. Seu poder era outro. Ela acreditava que carinho, amizade e amor eram capazes de transformar qualquer Natal.

A apresentação foi linda.

Depois vieram as brincadeiras.

A mesa estava farta. Havia doces, salgados, frutas, sucos e tudo aquilo que uma festa de criança pede. Os presentes foram entregues um a um, acompanhados de abraços, gritos de alegria e olhos que brilhavam diante de cada pacote.

Algumas crianças correram para mostrar seus brinquedos. Outras ficaram simplesmente abraçadas ao presente, como se quisessem ter certeza de que ele realmente era delas.

A tarde passou depressa. E, como acontece em toda festa, chegou a hora da despedida. Os voluntários começaram a ir embora.

Algumas crianças seriam buscadas por familiares. Outras permaneceriam no orfanato.

A professora abraçou uma criança. Depois outra. E mais outra.

Tentava sorrir, mas sentia um aperto cada vez maior no peito. Caminhou até a porta. Parou. Olhou para trás.

Viu aquelas cinquenta crianças e pensou que, enquanto algumas voltariam para uma casa cheia de gente, comida e abraços, outras passariam aquela noite esperando.

Foi então que voltou. Procurou a responsável pelo orfanato e perguntou: — Será que eu posso ficar?

Ela recebeu autorização. E ficou.

Naquela noite, a professora descobriu que talvez aquele fosse o Natal mais importante de sua vida.

Não havia a família de sempre, nem a ceia de sempre, nem a rotina de sempre.

Havia crianças.

Havia histórias.

Havia abraços.

Havia risadas.

Havia algumas lágrimas.

E havia presença.

Quando a noite ficou silenciosa, ela olhou ao redor e percebeu que os brinquedos, embora

Naquela noite, a professora descobriu que talvez aquele fosse o Natal mais importante de sua vida.

importantes, eram apenas uma pequena parte daquela história.

Um brinquedo pode encantar por algumas horas. Pode alegrar por alguns dias. Pode até acompanhar uma criança durante anos. Mas existe algo que nenhum brinquedo consegue substituir: a sensação de ser cuidado, lembrado e amado.

Naquela noite, Azulinda deixou de ser apenas uma personagem de uma peça. Tornou-se uma lembrança.

A professora entendeu que a verdadeira magia do Natal não estava nos presentes espalhados pelo chão, na mesa farta ou nas luzes que enfeitavam o lugar.

A magia estava em ficar. Em acolher. Em repartir. Em oferecer presença quando alguém mais precisava.

Ao amanhecer, talvez aquelas crianças não se lembrassem de todas as comidas que haviam comido ou de todos os brinquedos que haviam recebido. Mas a professora sabia que algumas delas se lembrariam de que, naquele Natal, alguém escolheu ficar.



A Educação Socioemocional na Formação Integral



Sueli de Sá Giovani
Cadeira nº 07 – Patrono Nabor Pires Camargo



Fonte: Manoelle Duarte/SMED/PMPA*. Escola Municipal de Ensino Fundamental Leocádia Felizardo Prestes. *2018. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Introdução

A sociedade contemporânea vive em contínua transformação, impactando o trabalho educacional desenvolvido nas escolas de maneira geral. Reconhecer essas rápidas mudanças exige que a instituição escolar supere a forma tradicional de ensinar — centrada na mera transmissão de conteúdos acadêmicos — e assuma um processo educativo integral do aluno, promovendo o desenvolvimento dos domínios pessoais cognitivos, sociais e afetivos, os quais constituem o desenvolvimento socioemocional.

A Educação Socioemocional

A Educação Socioemocional fundamenta-se no princípio de que as habilidades de sentir, pensar e agir não são inatas, mas competências integrantes da aprendizagem humana que podem

As habilidades de sentir, pensar e agir não são inatas, mas competências integrantes da aprendizagem humana que podem ser aprimoradas.

ser aprimoradas mediante intencionalidade pedagógica. Nesse sentido, promover o desenvolvimento socioemocional implica que a escola assuma o cultivo do autoconhecimento, da autorregulação emocional, da empatia, da tomada de decisão responsável e do relacionamento interpessoal. Para tanto, cabe à instituição criar condições pedagógicas intencionais e vivências edificantes para que os estudantes desenvolvam resiliência, senso de responsabilidade e capacidade de mediação de conflitos.

A valorização da Educação Socioemocional não se traduz apenas de forma curricular ou por projetos isolados de "boas práticas", mas no seu reconhecimento como eixo estruturante de todo o processo educacional. No contexto brasileiro, essa perspectiva ganhou obrigatoriedade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece a formação integral como compromisso central da Educação Básica por meio de dez Competências Gerais. Destacam-se as dimensões socioemocionais: trabalho e projeto de vida, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação, além de responsabilidade e autonomia.

As diretrizes globais da área tomam como base a obra *Inteligência Emocional* (1995), de Daniel Goleman, que nomeia as aptidões pessoais essenciais presentes na BNCC. A justificativa teórica do documento coloca o desenvolvimento socioemocional como transversal ao aprendizado acadêmico, alinhando o sentir, o pensar e o agir em um mesmo processo de aprendizagem que demanda planejamento contínuo. Assim, sua implementação exige superar ações pontuais e adotar uma postura reflexiva da gestão e dos educadores na criação de espaços baseados no respeito à diversidade e na mediação pacífica de conflitos.

Considerações finais

As reflexões evidenciam que o desenvolvimento socioemocional se configura como eixo estruturante para a educação contemporânea, e não apenas como um apêndice curricular. A BNCC convoca as instituições a estruturarem saberes que contemplem empatia, cooperação, resiliência, autoconhecimento e projeto de vida, assegurando que o desenvolvimento cognitivo caminhe entrelaçado com a maturidade emocional e ética.

Para que esses princípios se concretizem, faz-se necessária uma ação pedagógica intencional e contínua, promovendo um clima escolar seguro, acolhedor e inclusivo, no qual o diálogo e a escuta ativa orientem a convivência. Ao integrar as dimensões cognitivas e socioemocionais, a educação cumpre seu papel mais elevado: formar sujeitos autônomos e empáticos, transformando as escolas em lugares mais humanizados e eficazes.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 27 set. 2026.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional:** a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

A República e a Educação Primária Popular no Brasil

Parte 2



Silvane Leite Poltronieri
Cadeira nº 16 – Patrona Hilda Hilst



Fonte: Dornicke.* Antigo Grupo Escolar São José – Ipiranga.** ***2015.
Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Os Grupos Escolares foram considerados a instituição que melhor atendeu às necessidades do ensino primário popular no Brasil. Eram caracterizados por unir em um só local - prédio - de quatro a dez escolas isoladas, que estivessem num raio de 2 km para as masculinas e 1 km para as femininas.

A reunião destas escolas seguia orientação dos inspetores escolares, que analisavam se os municípios dispunham de locais com condições materiais para abrigar o número de escolas ou classes necessárias. Após esta análise, enviavam ao Conselho Superior de Instrução Pública, os prováveis locais de implantação dos "templos de civilização".

Implantar os grupos escolares não era tarefa fácil. Assim como na atualidade, as barreiras financeiras dos poderes públicos atravancavam a construção dos prédios. Assim, criou-se a prática

de firmar parcerias com os municípios. Aqueles que doassem prédios ao Estado ou se responsabilizassem pelos custos com aluguel dos locais adequados à instalação de um Grupo Escolar, tinham prioridade. Muitos municípios paulistas se empenharam nessa tarefa, inclusive a nossa cidade - Indaiatuba.

No estado de São Paulo, entre 1894 - ano da instalação do primeiro Grupo Escolar na Capital - e 1900, foram criados quarenta e seis Grupos Escolares, sendo onze na Capital e trinta e cinco no Interior. Uma média de 6 a 7 Grupos Escolares implantados por ano. Em 1929, haviam 297 Grupos Escolares em São Paulo - 47 na Capital e 250 no Interior, totalizando 4.249 salas de aula e 191.320 alunos matriculados.

Mesmo com a crescente expansão na implantação dos Grupos Escolares, ela não alcançava todos os municípios. Alguns, por conta própria, reuniram as salas (classes) de aula em um prédio - as chamadas Escolas Reunidas, que se distinguiam das escolas isoladas, somente por estarem agrupadas em um mesmo prédio e o aluguel, não ser pago pelos professores. Elas ainda contavam com um diretor e um porteiro-servente. A grande diferença recaía sobre o salário dos professores, que era menor que os recebidos pelos professores dos Grupos Escolares. Esta situação perdurou por algum tempo; há registros de ainda em 1908 os salários dos professores das Escolas Reunidas continuarem sendo menores.

O Arquivo Público do Estado de São Paulo reúne muitos documentos deste período. Em um relatório apresentado pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior e da Instrução Pública, Alfredo Pujol, no ano de 1896, o mesmo reforça que:

> *… os Grupos Escolares têm produzido resultado fecundo, quer pelo lado do aproveitamento, quer pelo da disciplina: o ensino, dividido em cinco anos, cada qual a cargo de um professor, oferece incontestáveis vantagens, revive a emulação*[1] *entre os mestres, mantém-se o estímulo entre as crianças, facilita-se à inspeção, diminuem-se os encargos do Estado…* (Pujol, 1896, p. 39).

Apesar do empenho expresso nos discursos e documentos da época, os dados estatísticos revelam uma clara contradição. Em 1897, o estado de São Paulo contava com dois milhões de habitantes distribuídos em 118 municípios. Desse total, apenas 1,2% — o equivalente a pouco mais de 24 mil crianças — frequentavam a escola pública. Considerando que a população em idade escolar representava cerca de um quinto do total (aproximadamente 400 mil menores), fica evidente o vasto abismo que ainda separava a retórica oficial da realidade educacional.

Comparando com dados atuais, de acordo com a Fundação SEADE, 17,5% da população total do estado de São Paulo é composta por crianças e adolescentes em idade escolar (entre 4 e 17 anos). Destes, a grande maioria (98%) tem atendimento escolar, ou seja, isso significa que aproximadamente 98% dessas crianças e adolescentes estão matriculados e frequentando as aulas, restando apenas cerca de 2% (o equivalente a pouco mais de 140 mil jovens) fora do sistema de ensino por motivos como abandono ou evasão escolar.

1. Nas escolas e colégios do século XIX, a emulação era vista como uma ferramenta pedagógica positiva. Os professores incentivavam os alunos a "emularem" os melhores estudantes da classe. Significava instigar uma concorrência saudável, onde o aluno buscava espelhar-se no bom comportamento e no brilho intelectual dos colegas para melhorar suas próprias notas e conduta. No texto em questão, instigava a concorrência saudável entre os mestres.

Dom José de Camargo Barros e a imprensa católica



Luís Roberto de Francisco
Academia Ituana de Letras
Cadeira n.º 30 – Patrono: Maestro Tristão Mariano da Costa



Dom José de Camargo Barros.
Fonte: Museu de Arte Sacra de São Paulo. **Dom José de Camargo Barros.** ***Disponível em: https://commons.wikimedia.org***

O bispo de São Paulo, trágica e prematuramente falecido no naufrágio do navio Sírio, na costa da Espanha em 03 de agosto de 1906, foi figura chave na organização da primeira imprensa católica paulista; a divulgação das letras, através de jornais, por sua iniciativa, colocou na linha de frente leigos da elite intelectual cristã.

Nascido em Indaiatuba (SP) a 24 de abril de 1858, Dom José estudou em Itu, no Colégio Joaquim Mariano, e o curso ginasial como externo no Colégio São Luís, dos jesuítas, formação humanística e de enorme proselitismo, que lhe ofereceu subsídios à formação em diversas línguas, percepção da escrita como ferramenta de comunicação e, à doutrina para a construção de sua visão de mundo.

Após cursar o Seminário Diocesano de São Paulo, foi ordenado sacerdote; tornou-se professor de Latim, dado o gosto e preparo à língua de Cícero.

Na única paróquia que dirigiu, de Santa Ifigênia (1887 a 1893), em São Paulo, organizou o jornal "O lidador" (1890), onde foi escritor e redator, novidade paulistana quando a imprensa passava do modelo manual de Gutemberg para as máquinas a vapor.

Em 1894, foi eleito o primeiro bispo de Curitiba, para organizar a enorme diocese reunindo os atuais estados do Paraná e Santa Catarina. Para comunicar-se com as paróquias da vasta região, criou o jornal "Estrela" (1898), de propaganda da fé católica, e incentivou o nascimento de outros sete periódicos religiosos leigos. Mensalmente editava o Boletim Eclesiástico, para contato com os párocos.

Em 11 de julho de 1906 encontrou-se com Pio X e recebeu elogios e incentivo pelas conquistas na influência sobre a sociedade através dos jornais.

Os meios de comunicação foram incentivados pelo alto clero católico no Concílio Plenário da América Latina, realizado em Roma, em 1899, do qual Dom José participou. No ano seguinte, no Primeiro Congresso Católico Brasileiro, realizado em Salvador (BA) e dirigido pelo Padre Bartolomeu Taddei, influente jesuíta de Itu, definiu-se que uma das frentes de atuação seria a agregação dos intelectuais leigos engajados através da imprensa para fortalecer a presença da Igreja, movimento ao qual Dom José aderiu prontamente.

Na edição de 25 de janeiro de 1900, em seu Boletim Eclesiástico, o bispo lamentou o desaparecimento de jornal que havia criado, de vida curta, por falta de recursos: "Cada folha religiosa que desaparece em nosso país, que tomba e que recua por falta de meios, causa em nosso coração a impressão desagradável que teríamos se estivéssemos em um campo de batalha e víssemos rolar ao nosso lado o estandarte de nossa pátria. Este sentimento deve ser o de todo o padre e até do simples católico." O trecho revela o caráter combativo que ele atribuía à imprensa, justamente no momento em que o Catolicismo no Brasil vivia a separação em relação ao Estado (tempo do império) e buscava, já na república, um lugar de influência sobre a sociedade e a cultura em um estado laico.[1]

Em 1904, Dom José foi transferido para São Paulo. Uma das primeiras iniciativas foi organizar o Congresso da Boa Imprensa. Fruto do encontro, surgiu o diário católico "O São Paulo", que ele dirigiu e manteve a custo alto de organização e publicação dada a intensa periodicidade. Nesse mesmo tempo, o seu sobrinho, pároco de Itu, Padre Elisiário de Camargo Barros criou o semanário *A Federação*, que circula há 120 anos.

Dom José foi um pioneiro nas letras católicas, publicando matérias de doutrina, luta contra o Protestantismo e anticlericalismo, notícias e literatura. Em 11 de julho de 1906 encontrou-se com Pio X e recebeu elogios e incentivo pelas conquistas na influência sobre a sociedade através dos jornais. Faleceu no retorno ao Brasil.[2]

1. FRANCISCO, Luís Roberto de. **Bartolomeu Taddei, o padre santo de Itu**. São Paulo: Loyola, 2021.

2. As informações sobre Dom José foram coligidas pelo historiador Mons. Paulo Florêncio da Silveira Camargo (1896 – 1972), em biografia inédita, que está sendo organizada para publicação em Itu.



Porta estreita e Porta Larga



Darcio Calligaris
Cadeira nº 08 – Patrono Augusto dos Anjos



Fonte: Senhormario*. Pavilhão de recreio da autoria do Arquiteto Porfírio Pardal Monteiro - Oeiras – Portugal. *2020. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Dois amigos, quando escalavam uma montanha, encontraram uma gruta. Curiosos, entraram e se perderam. Desesperados, tentavam encontrar uma saída.

Nesta busca, encontraram uma porta larga fechada. Nela estava escrito: "Vocês estão perdidos e só existe uma saída. Terão que descobrir, pois é uma passagem estreita, a porta da vida que os levará ao paraíso, um lugar de paz e felicidade.

Antes de chegarem à porta da vida, terão que passar por mim, que sou larga, espaçosa e fácil de passar, preferida pela maioria, pois levo aos

“Vocês estão perdidos e só existe uma saída...”

prazeres que dão satisfação imediata. Entretanto, cobram um preço alto e prejudicam nosso corpo e nossa mente.

Nem todo prazer nos leva à felicidade. Com a falsa ilusão de que todo prazer nos traz felicidade, passaremos por esta porta larga e espaçosa, pois os prazeres prometem alívio, mas podem tirar nossa liberdade, como os vícios e dependências da comida, da bebida, das telas e do dinheiro, que aumentam ansiedade e insatisfação e nos afastam dos valores essenciais.

Larga e espaçosa, esta porta nos leva a prazeres nos quais somos enganados, pensando ficar aliviados ao alimentar raiva, mágoa e vingança, ou quando nos colocamos acima das outras pessoas por orgulho, egoísmo, vaidade, intolerância e falta de paciência, que empobrecem nossas relações e nossa mente, tornando-nos solitários, ansiosos, irritados, estressados, deprimidos e infelizes.

Os dois amigos estavam exaustos de tanto prazer e continuaram a busca da saída para o paraíso. De repente, começaram a ficar tristes, solitários, ansiosos e irritados, chegando a discutir. Continuaram a busca da saída daquela montanha que, apesar de todos os prazeres que oferecia, estava tornando-os deprimidos e infelizes.

Com paciência, foram se equilibrando. Os prazeres daquela montanha já não eram necessários para eles e tornaram-se fraternos, benevolentes e passaram a trocar muitas ideias, sobre a experiência que viviam e sobre quanto foi importante conhecer os prazeres e suas consequências. Compreenderam que agir com equilíbrio e moderação era a chave para uma vida feliz.

A raiva, o rancor e a mágoa foram substituídos pelo perdão.

O orgulho, o egoísmo, a vaidade, a intolerância e a falta de paciência foram substituídos pela benevolência, gentileza e caridade.

E a somatória de tudo isso é o amor.

Os dois, rindo de si mesmos por estarem perdidos buscando a porta que os levaria à felicidade, comemoravam a descoberta de um tesouro que os tornaria felizes. Não porque acreditassem que nada de ruim iria acontecer, pois estavam conscientes de que nossa vida é um caminho tortuoso, cheio de obstáculos, alegrias e tristezas, mas porque, com equilíbrio e moderação, e conhecendo os prazeres, contornariam todos esses obstáculos.

Olharam para o chão e para as paredes e enxergaram um amontoado de esqueletos humanos próximos à porta de saída para a vida. Era uma porta muito estreita e nela estava escrito: “Esta porta estreita simboliza a perseverança em nos transformarmos moralmente, reconhecendo nossas falhas, corrigindo atitudes e desenvolvendo virtudes. Para ultrapassá-la, é necessário sacrifício para renunciarmos aos nossos próprios desejos, ao orgulho, egoísmo, ódio, mágoa, rancor e às posses materiais que nos prendem ao mundo. Representa a superação pessoal, o compromisso com o bem e dedicação ao próximo.

Muitos tiveram uma excelente oportunidade, após passarem pela porta larga, de refletirem e se transformarem. Poucos conseguiram. É assim a vida: muitos encontram portas largas e estreitas, mas tudo dependerá de vocês.

Agora, toquem em minha madeira gasta pelo tempo, empurrem-me e eu me tornarei larga, pois vocês mereceram.

Vão em paz e levem consigo alegria e boas lembranças. Transmitam às pessoas o que é o amor, com um gesto de carinho e uma palavra de afeto.” ■

Pausa para um café



Marcelo Castro Bomfim
Cadeira nº 05 – Patrono: Castro Alves



Fonte: Juan Emilio Prades Bel*. El lector tomando el café. *2025. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Olho para o relógio. São 17h40min do último dia do outono de 2018. Por uma fresta na janela entreaberta, entra uma corrente de ar fria anunciando o pôr do sol que se vai, dando adeus a mais um dia. Vou até a janela e passo a contemplar o firmamento. Vejo que os primeiros pirilampos celestes surgem parecendo cantar em coro: "Agora é com a gente!" Vejo, ainda, que algumas nuvens mais carregadas "aqui e ali" se avolumam e eu, instintivamente digo de mim para comigo: "Vai chover!" Realmente, pois, poucos minutos depois os primeiros pingos dão o "ar da graça". O vento torna-se ainda mais intenso e frio. Numa espécie de alumbramento, mais uma vez digo de mim para comigo: "Chegou o inverno. Que tal um café quentinho agora?" Minha resposta é: "Hummm!"

Indo até o quarto do meu filho, após deixar a cafeteira fazendo o seu trabalho na cozinha, vejo-o no berço dormindo profundamente o "sono daqueles que são felizes e estão em paz!" Observo-o. Contemplo-o e pensando, digo mentalmente: Ele é tão lindo, todo o pai! Contudo, simultaneamente me recordo de que a minha esposa pensa exatamente o contrário e vive dizendo que ele parece mesmo é com ela, que foi quem o carregou por nove meses... enfim, eu penso diferente dela e acho que ele parece mesmo é comigo, mas é melhor deixar essa "briga sem fim" para lá, pois nunca chegamos mesmo a nenhum acordo. Mas, aqui para nós, só para nós, ele parece mesmo é comigo, entendeu?

Enquanto me mantinha ali no quarto dele, no mais completo silêncio, vendo-o ressonando no berço, me surgiram estes pensamentos a respeito das semelhanças físicas entre nós e assim, naturalmente me surgiu um riso leve no rosto. Pensei: Me sinto feliz. Estou feliz, afinal, uma criança envolvida no mais santo amor surgiu no mundo, então, há esperança. Ainda há esperança em um mundo melhor a se renovar a cada nova geração. Que assim, seja!

Respiro profundamente, enlevado e saio silenciosamente na "ponta dos pés" para não o acordar. Ao chegar de volta à cozinha, sinto um delicioso cheirinho de café se espalhando por todo o lugar! Gosto do sabor do café quentinho feito na hora, mas gosto ainda mais do cheiro do café feito na hora que se quer tomá-lo. Pego uma xícara onde está escrito: "Ao amigo Marcelo Castro por sua especial participação em nosso evento!" Ponho o café com um pouco de açúcar mascavo, o que eu mais gosto, talvez por me lembrar o sabor das coisas do interior. A vida simples, sem muito movimento, sem muita agitação e o jeitão brejeiro e caipira de ser do povo, me trazem um encanto tão grande! Escuto, então, suaves pingos de chuva me chamando, batendo de leve na janela lateral. Peço desculpas a eles por minha demorar em atendê-los. Procuro me sentar numa posição que me permite admirar a chuva caindo lá fora. Como é linda! E assim que o café me toca a boca, instantaneamente penso: "Nossa, o café está delicioso!"

Esses momentos descritos acima, em sua singeleza, são mágicos! Para além de todas as demandas da vida que, segundo algumas pessoas, "anda louca", eu me permito uma pausa para o café! Em sua simplicidade, noto a beleza da vida acontecendo no momento "aqui e agora" do mundo. Nele, não há ansiedade pelo que virá depois. Mas também não há tristeza pelo que veio antes. Há apenas o presente e eu me permito viver isso! Nele, permito-me respirar profundamente, suavemente, sentindo o sabor de um café delicioso numa xícara especial. Tudo em volta é silêncio e paz somente perceptível a quem se permite tudo isto viver. Mas, e quanto a você que me está lendo agora, também tem se permitido viver isso? Sabe, a paz propicia saúde psíquica! O silêncio proporciona saúde emocional! O corpo físico agradece. A mente também. À alma, essa então, nem se fala!

Em um mundo com tantas demandas por serem resolvidas, parar um pouco, sentir um pouco, respirar profundamente um pouco, tudo isso é construção para a saúde, para a paz, para a serenidade. Na cidade do interior da Bahia onde eu morei, Castro Alves, nós criávamos galinhas, gansos, patos, jabutis, cotias... Lá havia o ditado que dizia o seguinte: "De grão em grão, a galinha enche o papo." Era verdade! Podíamos jogar todo o milho do cesto ao mesmo tempo, mas nunca vi, nos dezesseis anos em que eu lá morei, nenhuma galinha escancarando o bico para abarcar o máximo de milhos ao mesmo tempo e de uma só vez. Não, jamais. Mesmo quando estavam com fome, as bicadas eram sempre sequenciais, portanto, de grão em grão. Tudo isto me leva a reflexionar que o transtorno de ansiedade, tão presente na atualidade, é na verdade uma criação humana. Por que tantas pessoas têm estado tão ansiosas ou tão deprimidas? Qual a razão de tanta ansiedade e depressão no mundo?

Ao longo de todos esses anos atendendo pessoas em meu consultório de psicologia (um verdadeiro laboratório de vidas humanas), é nítida a minha percepção do aumento dos transtornos de ansiedade generalizada e depressão entre as pessoas. Entrando num ritmo de vida cada vez mais acelerado e se assoberbando cada vez mais de atividades diversas (e muitas vezes, sem sentido), muitas pessoas têm se tornado plenamente estressadas, ansiosas ou deprimidas, sem se permitirem momentos de pausa, de silêncio, alegria e serenidade. Pensando, então, em tudo isto e diante desta realidade social atual tão complexa, que tal parar um pouco agora, agora mesmo e fechar os olhos por um momento, respirar profundamente e se for possível, ir depois saborear um bom e quentinho café feito na hora? Saúde!

Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses



Jairo Efigênio Corrêa da Silva
Cadeira nº. 26 – Patrono: Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti



Fonte: Inkey, Temples d'Apollon sur le site archéologique de Delphes en Grèce. 2011. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Naquela que fora considerada "o umbigo do mundo", a antiguíssima cidade de Pitos — depois cidade de Delfos, ou a pólis de Delfos, na Grécia —, havia em priscas eras, localizada nas encostas do Monte Parnaso, uma obra produzida pelos arquitetos Trofônio e Agamedes para homenagear o deus do equilíbrio e da razão: Apolo. No frontispício daquele belíssimo templo, existiu um baixo-relevo contendo a seguinte frase: *Gnōthi Seauton* — que se traduz para o português como "conhece-te a ti mesmo" e que, posteriormente, expandiu-se para "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses".

Contíguo àquele Templo de Apolo, havia um famoso oráculo, conhecido como o Oráculo de Delfos — o centro religioso mais importante da Grécia naquelas eras transatas —, que era coordenado por sacerdotes e tinha como medianeira oracular uma pitonisa, de nome Sibila, à época da juventude de Sócrates. Conta-nos a história que aquela pitonisa permanecia sentada num banco com tripé de ouro sobre uma fenda na rocha, da qual aspirava os vapores exalados da decomposição cadavérica de Píton, serpente guardiã de Gaia que fora aprisionada, morta e lançada ao abismo pelo próprio deus Apolo. Aquela e outras pitonisas, em transe medianímico, emitiam mensagens desconexas — atribuídas ao próprio deus Apolo —, cujas falas eram interpretadas por sacerdotes treinados, que as repassavam aos consulentes, os quais contribuíam pecuniariamente para as mencionadas consultas.

O caso Querefonte, o desvairado amigo de Sócrates

A história narra que Querefonte, grande e bom amigo do jovem Sócrates, resolvera fazer uma viagem a Delfos com a intenção de consultar o oráculo e a famosa Sibila. Querefonte, entre outras indagações, perguntara àquele oráculo quem era o homem mais inteligente e sábio de Atenas, da Grécia e do Mundo. Recebeu como resposta daquele mesmíssimo oráculo uma única palavra: Sócrates. Assim, satisfeito com a resposta

recebida, Querefonte volta para Atenas e, muito alegre, reporta ao jovem amigo Sócrates a indagação e a respectiva resposta, informando-lhe haver recebido da própria pitonisa Sibila a confirmação de que ele, Sócrates, era o homem mais inteligente e sábio existente.

Sócrates, de imediato, refutou a informação recebida, dizendo ao amigo Querefonte: "Não é possível, pois só sei que nada sei" — tornando-se tal afirmação um verdadeiro aforismo axiomático. Todavia, meus queridos e atentos leitores e minhas queridas e atentas leitoras, já que tal mensagem refletia uma resposta dos deuses transmitida por Sibila, o jovem Sócrates resolveu pesquisar e confirmar se aquela informação era verdadeira. Para tanto, decidiu que, a partir de então, levaria várias indagações a todo e qualquer sábio que encontrasse.

Dessa forma, inicia-se a tão famosa e respeitada dialética socrática, que consiste em responder indagando, gerando conclusões recíprocas. Portanto, com a dialética socrática, o filósofo Sócrates dá origem ao período antropológico da filosofia grega, o qual, no entendimento de todo estudioso do tema, parte da ideia de que o autoconhecimento — o conhecimento de si — é a base para todos os outros conhecimentos sobre o mundo.

Concluindo com indagações minhas de pertinência

- E o que é o método dialético socrático senão o relacionamento isonômico entre os homens? Um princípio da igualdade — criado por volta de 510 a.C. por Clístenes, político e legislador grego —, pelo qual se tratam os iguais como iguais e os desiguais como desiguais, com o desiderato de adentrarmos as verdades de cada um, resultando em uma verdade, em síntese, aceita pela maioria.
- E o que é esse relacionamento humano, de uns com os outros, em atividades intelectuais, comerciais, pedagógicas e domésticas, senão a busca fraterna e solidária pelo bem maior, contido na verdade suprema e absoluta?
- E o que é a verdade aceita pela maioria senão a felicidade humana, tão sonhada e romanticamente cantada por todos nós, humanos em busca da crística preconização das bem-aventuranças?

Concluo inferindo que o aforismo délfico "conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses" nos orienta ao autoconhecimento, que embasará todos os conhecimentos contidos no universo, assim em cima como embaixo. Todavia, caríssimos e caríssimas, não há melhor modo de nos conhecermos do que pelo relacionamento humano na vida cotidiana, verdadeiro espelho reflexivo de nossas *personas*; relacionamento humano que foi praticado por Sócrates até os últimos instantes da própria vida e por colossos de grande linhagem, além de ter sido amplamente preconizado na Boa-Nova cristã (Novo Testamento), máxime pelo muito bem-amado apóstolo João, em seu Evangelho (capítulo XV, versículo 12): "O meu mandamento é este: amem uns aos outros como eu vos amei".

Entretanto, não há que se falar em relacionamento para nos conhecermos uns aos outros — com a intenção precípua de conhecermos a nós mesmos, levando-nos a conhecer o universo e os deuses contidos no eterno aforismo délfico — sem antes praticarmos o relacionamento fraterno mediante a prática da verdadeira caridade, tal como praticou o Nazareno Jesus, que a entendia como a "benevolência para com todos, a indulgência para com as imperfeições e o perdão das ofensas". Somente assim conheceremos o Universo e os Deuses, conhecendo a nós mesmos.

Da infância poética à vida adulta patética



Jon Brodsky
Cadeira nº. 15 – Patrono: Farias Brito



Fonte: Bonhams.* O torneio *(Ralph Hedley). 1898. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Tudo na infância é um doce encanto, enquanto nela, por tão pouco, nos maravilhamos tanto. Tudo é uma desmesurada novidade, alegrias com as simplicidades. É na infância que a vida nos confessa seu grande "segredo" da felicidade, e que, ao crescermos, o transformamos num grande "enigma" da humanidade.

Na infância, a vida é tão nova e recém-chegada, preocupamo-nos apenas em vivenciá-la, e mais nada. Nos anos de nossa infância queremos apenas querer, sem nos preocupar com os "porquês", com os "para quês", nem em ter, mas apenas em ser, viver, mesmo sem nada entender.

Não existem jogadas, intenções cogitadas, engenhosas articulações sociais e encenações teatrais. Somente o encanto, que, aos poucos, se evanesce com o avançar de cada idade. A simples poesia vai se transformando em sinfonia, onde tudo passa a ser orquestrado, ensaiado, analisado desde um simples tom, semitom, agudo, grave, até que tudo deva ser minimamente calculado.

Mas a vida deixa em nós suas pistas e, mesmo adultos, ainda carregamos daquela poética infância suas rubricas, pois permanecem em nós, assinadas com a tinta da caneta daquela felicidade, aquela do grande "segredo" confessado, o qual esquecemos quando nos tornamos um adulto idiotizado.

Essas rubricas perenes trazem consigo as experiências da infância e, sem que saibamos, elas foram responsáveis pela formação de nosso caráter, mesmo delas, quando adultos, extraindo as superficialidades de suas profundidades.

Construímos nossa personalidade, mas essas rubricas, em suas essências, nunca são modificadas. Mesmo nos comportando de modo cognoscente, sempre, lá no fundo, ainda haverá um olhar daquela infância querente.

Do mais inato pateta pensante ao mais requintado intelectual brilhante, o conteúdo autêntico estará impregnado intuitivamente, repousando no inconsciente, e aquela verdadeira felicidade, que é sempre em nós ausente, só se revelará se nos permitirmos ter um coração daquela poética infância inocente.

O grande debate sobre o centro do Universo



Rubens Pantano Filho
Cadeira nº. 31 – Patrono: Mario Quintana



Fonte: imagem criada pelo Gemini do Google.

Estamos em uma data de um futuro distante em que o avanço da ciência permite viagens no tempo. A Universidade local promove um encontro em torno de uma mesa circular de uma biblioteca. Sobre a mesa, pergaminhos astronômicos, lunetas e um astrolábio. Em torno da mesa, de um lado a tradição clássica e o peso da fé; do outro, o telescópio e a precisão matemática.

Encontro atemporal entre Aristóteles, Ptolomeu, Inquisidor, Copérnico, Galileu e Kepler.

Aristóteles: — Olhem para o chão sob seus pés. Ele é sólido, imóvel. É da natureza dos corpos pesados buscar o centro do universo. Se a Terra se movesse, as nuvens ficariam para trás e o vento nos derrubaria. O céu é o reino da perfeição, do movimento circular eterno, movido pelo Primeiro Motor Imóvel.

Ptolomeu: — Exatamente, mestre. Meus cálculos no *Almagesto* provam a harmonia. Se observamos os planetas retrocederem, é apenas o resultado de belos epiciclos e deferentes. Minhas

Encontro atemporal entre Aristóteles, Ptolomeu, Inquisidor, Copérnico, Galileu e Kepler.

tabelas funcionam há séculos; por que abandonar o que é visível e matematicamente elegante por uma Terra que voa pelo vazio?

Inquisidor: — E o mais importante: a Palavra de Deus é clara. Em Josué 10:12, ele ordenou que o *Sol* se detivesse, não a Terra. Sugerir que a Terra gira é dizer que o homem, a criação máxima, não está no centro das atenções do Criador. É heresia e vaidade intelectual.

Copérnico: — Com todo o respeito à Igreja, a "elegância" de Ptolomeu é um castelo de cartas. O sistema de epiciclos tornou-se tão complexo que a harmonia se perdeu. Ao colocar o Sol no centro, a ordem dos planetas e seus tempos de órbita finalmente fazem sentido matemático. Não é vaidade; é reconhecer a simplicidade de Deus.

Galileu: (Apontando seu telescópio) — Olhem vocês mesmos! Eu vi as fases de Vênus e luas orbitando Júpiter. Se nem tudo gira em torno da Terra, como Aristóteles pode dizer que somos o único centro? O livro da natureza está escrito na linguagem da matemática, e ele desmente o que seus olhos destreinados acreditam ver.

Kepler: — E parem de insistir em círculos perfeitos! Os céus não são "perfeitos" no sentido grego. As órbitas são elipses. Com o Sol em um dos focos, as leis que descobri explicam o movimento planetário com uma precisão que Ptolomeu jamais sonhou. A Terra é apenas mais um viajante no coro celestial.

Inquisidor: — Galileu, você fala de "provas", mas o que vejo é desobediência. Se a Terra se move, por que não sentimos?

Galileu: — Pelo mesmo motivo que um marinheiro em um navio calmo não sente o movimento da embarcação até olhar para a costa. A física da inércia explica o que seus sentidos ignoram.

Aristóteles: — Elipses? Um navio? Isso destrói a separação entre o mundo perfeitamente celeste e o mundo imperfeito da Terra.

Kepler: — Talvez a perfeição de Deus não esteja na forma do círculo, mas na precisão das leis que regem todo o cosmos, sem distinção.

Inquisidor: — Galileu, você ousa dizer que a Terra é apenas um "navio"? Se a Terra girasse a tamanha velocidade para completar uma volta em um dia, os mares transbordariam e as torres ruiriam! Onde está a prova física dessa força invisível que nos mantém colados ao chão enquanto voamos pelo vácuo?

Galileu: — A prova está na Inércia, Eminência. O movimento uniforme é indistinguível do repouso para quem está dentro do sistema. Se eu soltar uma pedra do topo do mastro de um navio em movimento, ela cairá no pé do mastro, não no mar, pois a pedra compartilha o movimento do navio. Assim é com a Terra. Vossas objeções não são físicas, são sensoriais.

Aristóteles: (Interrompendo) — Mas a física exige uma causa! No meu sistema, cada elemento tem seu "lugar natural". A terra e a água descem; o ar e o fogo sobem. Se a Terra não é o centro, para onde as coisas caem? Vocês destroem a lógica de por que o universo é organizado!

Kepler: — Elas caem para o centro da massa que as atrai, mestre Aristóteles. Eu chamo isso de

A verdade não pode contradizer a verdade. Se a matemática revela o Sol no centro, então nossa interpretação das Escrituras é que deve ser amadurecida, não a ciência silenciada.

facultas imago. O Sol não é apenas um adorno luminoso; ele é o coração magnético que impulsiona os planetas. Quanto mais longe o planeta está do Sol, mais lentamente ele caminha em sua elipse.

Ptolomeu: — Kepler, suas elipses são esteticamente monstruosas! O círculo é a única forma digna dos céus. Meus epiciclos podem ser complexos, mas preservam a perfeição divina. Como você explica as variações de brilho de Marte sem eles?

Copérnico: — Ptolomeu, os seus epiciclos são apenas remendos matemáticos para salvar uma teoria errada. O brilho de Marte muda porque a distância entre a Terra e Marte varia drasticamente conforme ambos orbitamos o Sol. O que você chama de "movimento retrógrado" é apenas uma ilusão de óptica, como um carro mais rápido ultrapassando um mais lento em uma estrada.

Inquisidor: — Silêncio! Vocês reduzem o Mistério da Criação a uma estrada e carros? Se o Sol está no centro, então as estrelas deveriam parecer mudar de posição conforme a Terra se move de um lado a outro de sua órbita. Onde está essa "paralaxe"? Se não a vemos, a Terra deve estar imóvel!

Kepler: — A paralaxe existe, mas as estrelas estão a uma distância tão vasta, tão incompreensível, que nossos instrumentos atuais são cegos para ela. O universo de Deus é infinitamente maior do que vossa teologia permite imaginar.

Aristóteles: — Se o universo é tão vasto e a Terra tão pequena, o homem perde sua dignidade.

Galileu: — Pelo contrário. A dignidade do homem não está em onde ele pisa, mas em sua capacidade de compreender as leis que movem as estrelas.

Inquisidor: — A Igreja protege a alma da confusão. A verdade é o que foi revelado, não o que é calculado.

Copérnico: — A verdade não pode contradizer a verdade. Se a matemática revela o Sol no centro, então nossa interpretação das Escrituras é que deve ser amadurecida, não a ciência silenciada.

O debate atinge seu ápice sob a luz de velas que parecem oscilar, não pelo vento, mas pela força das ideias. O silêncio que se segue é denso, carregado pelo peso de milênios de história contra o nascimento de uma nova era.

Inquisidor: (Fechando o livro de Josué com um estrondo) — Vossas "elipses" e "inércias" são nomes bonitos para o caos! Se retirarmos a Terra do centro, retiramos o homem do olhar de Deus. Se somos apenas um grão de poeira num redemoinho, por que o Criador encarnaria aqui? Vossas lentes de vidro, Galileu, estão turvando vossa alma, não iluminando o mundo.

Aristóteles: — Concordo com a autoridade da Igreja. A ciência deve servir à lógica e à ordem. Um universo onde a Terra voa sem rumo é um

universo sem propósito. Prefiro a beleza de minhas esferas de cristal, onde cada coisa tem seu lugar fixo, à mecânica fria e desolada que vocês propõem.

Ptolomeu: — Meus cálculos sustentaram calendários e navegações por mil e quinhentos anos. Se eu estiver errado, a própria razão humana falhou em observar o óbvio por gerações. É mais provável que vossos instrumentos estejam errados do que toda a história da astronomia.

Copérnico: (Com um sorriso triste) — A história não é um argumento contra a verdade, Ptolomeu. O Sol não brilha para nos aquecer porque somos o centro, mas porque essa é a sua natureza divina. Aceitar que não somos o ponto imóvel do universo não nos diminui; nos torna observadores mais humildes da grandiosidade de Deus.

Kepler: (Olhando para o alto) — Vossas esferas de cristal vão se quebrar, Aristóteles. Não porque queremos destruí-las, mas porque a harmonia geométrica que encontrei nas elipses é muito mais profunda e rigorosa. O universo não é um animal que se move por vontade, mas um relógio divino de precisão absoluta.

Galileu: (Encarando o Inquisidor nos olhos) — Podem me obrigar a ajoelhar. Podem queimar meus livros e proibir minhas palavras. Mas o céu não mudará para satisfazer vossos dogmas. A verdade não precisa de permissão para existir.

O Inquisidor levanta o dedo, apontando para a porta, sinalizando o fim da discussão. Galileu, antes de sair, inclina a cabeça e murmura a frase que ecoaria pelos séculos: — *E pur si muove*.

O debate termina não com um consenso, mas com uma ruptura. A Terra, indiferente às discussões, continua sua jornada silenciosa ao redor do Sol, aguardando que a humanidade finalmente aceite seu lugar entre as estrelas.



O pai contemporâneo



Nye Ribeiro Silva
Membro Honorário



Fonte: Mariangelaheredia.* Pai e filho brincado no parque.** ***2013.
Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Com tantas mudanças nas últimas décadas, quem é o pai contemporâneo?

O pai que vive um momento de transição — transição, inclusive, do seu próprio papel frente à sociedade. Que passa de pai tradicional, provedor econômico, único responsável pelo sustento, distante e autoritário, para um pai que divide com a mãe as tarefas domésticas e a responsabilidade direta pela formação e educação dos filhos.

Um pai que deixa de ser o todo-poderoso para ser, muitas vezes, pai e mãe ao mesmo tempo.

Um pai que também sente a pressão da sociedade de consumo, onde o que importa é seu poder aquisitivo, sua faixa de renda e seu poder de compra. Que sofre com todas essas cobranças e expectativas e luta por um espaço no mercado profissional.

O pai que, nas horas de folga e nos fins de semana, aproveita para curtir o filho: empinar papagaio, jogar bola, andar de bicicleta, contar histórias.

O pai que participa do dia a dia do filho, de suas atividades, preocupações, tarefas, amigos e escola.

O pai que se vê atrapalhado com as perguntas do filho e procura sempre novas respostas, alargando seus próprios horizontes.

O pai contemporâneo vive uma “paternidade líquida”...

O pai que nem sempre acerta, que muitas vezes “mete os pés pelas mãos” e é obrigado a reconhecer seus erros e a admitir suas dúvidas.

O pai sensível e afetuoso, que procura garantir ao filho um lugar seguro no universo dos seus afetos. Que acolhe o filho por inteiro, assim como ele é, com seus encantos e deficiências.

Que passa de pai herói para pai amigo, mas que também sabe dizer não e colocar limites.

Que percebe o desenvolvimento do filho e o acompanha em suas mudanças e descobertas.

Que procura, a cada momento, estabelecer novos canais de comunicação — desde o abraço apertado até o mais desafiante diálogo — e, nessa busca, continua crescendo.

O pai que não está mais aqui, mas continua vivo na lembrança do seu filho: querido, amado, o pai saudade.

O pai “vivo”, com energia bastante para viver e tentar compreender o mundo à sua volta. O pai que sabe que viver significa muitas coisas ao mesmo tempo. O pai “malabarista de circo”.

Num mundo tão contraditório e incoerente, reconhecemos sua dificuldade em continuar transmitindo aos filhos seus valores: amor, ética, honestidade, justiça e respeito.

O pai contemporâneo vive uma “paternidade líquida” — sem manual, sem moldes fixos, mas construída passo a passo com atenção, escuta ativa e, principalmente, presença.

A saída não está em um manual, mas em desacelerar: entender que não precisa ser tão perfeito, que errar faz parte do processo e que a paternidade é uma grande oportunidade de crescimento.

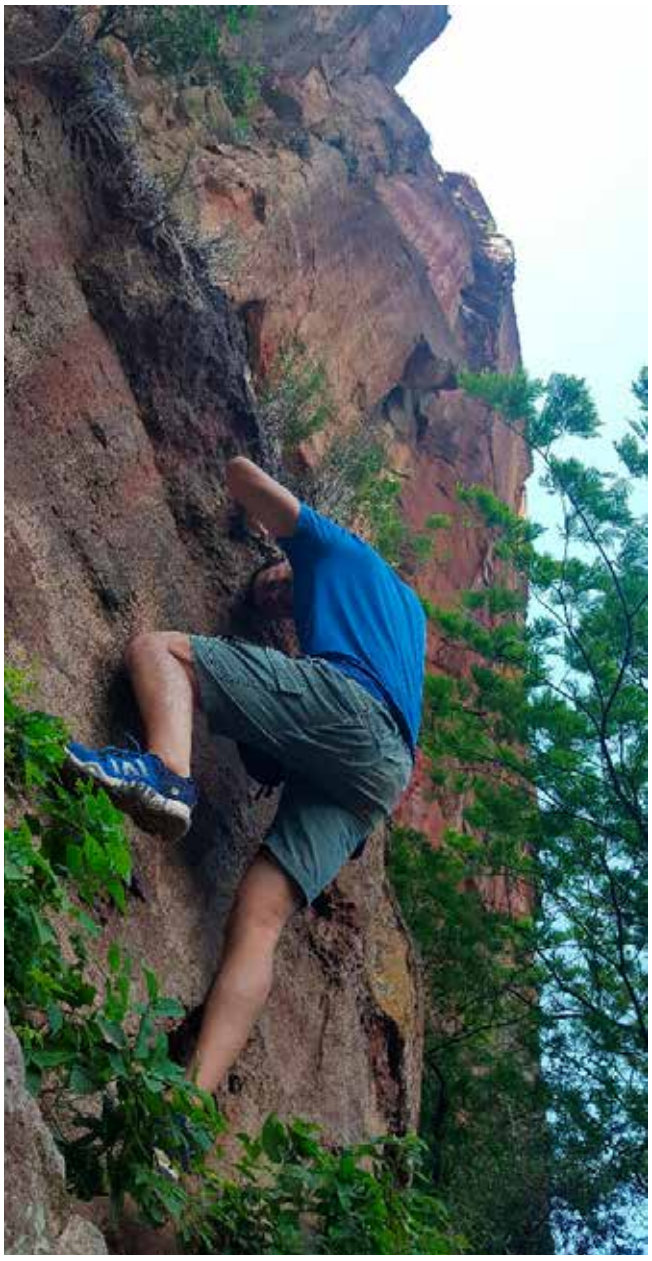
Parabéns, Pai!



No Espaço da Resposta



Marcos Vieira
Membro Correspondente



Fonte: Ludwing Melgar Egüez. **Escalando La Muela del diablo.** ***2020. Disponível em: https://commons.wikimedia.org***

Existe um intervalo, sagrado e imensurável, entre o que nos sucede e a postura que deliberadamente adotamos perante o real. Nesse espaço não há determinação que encerre o ser: é ali que a liberdade humana revela sua expressão mais genuína, mais profunda, mais própria. Não somos definidos pelo que nos acontece, mas pelo sentido que atribuímos ao que vivemos.

Há uma ilusão que nos aprisiona: a crença de que a dor deve ser apagada, de que a queda exige um triunfo imediato e ruidoso, de que somente ao obliterar o passado podemos avançar. Mas a verdade que o abismo nos revela é outra: não é necessário negar o que foi para continuar sendo. A integridade não reside em eliminar os vestígios da experiência, mas em integrá-los à própria trajetória. Não precisamos fingir que não doeu para reconhecer que seguimos.

A vida assemelha-se a um livro em permanente elaboração, cujas páginas se escrevem no presente, no modo de quem ainda caminha. As respostas não se dão de uma vez, em definitivo: manifestam-se em gerúndio, como vivência em curso — vivenciando, ressignificando, escolhendo novamente a cada instante. A pretensão de possuir todas as verdades antes de dar o primeiro passo é o que nos mantém imóveis. É quando

Atravessar abismos não é tarefa leve, nem se faz sem custo.

aceitamos caminhar sem conhecer todo o percurso que nos tornamos verdadeiramente livres.

Atravessar abismos não é tarefa leve, nem se faz sem custo. Ninguém prometeu isenção de sofrimento. Mas também não há receita única, nem panaceia que elimine o desafio. O que se nos apresenta, em lugar de solução pronta, é a pergunta que nos constitui: o que fazemos com o que recebemos? Quem nos tornamos diante do que não podemos impedir? O que fazemos com a vida que, ainda que frágil, permanece em nossas mãos? O que podemos oferecer ao mundo que compartilhamos? O que fazemos com o tempo, enquanto ele se faz caminho?

Cada experiência situa-se na tensão entre o que nos condiciona e o que podemos escolher. E é na atitude — na decisão de encontrar sentido mesmo nas circunstâncias mais adversas — que reside a verdadeira salvação: não a fuga da realidade, mas a descoberta de que é possível permanecer, resistir e recriar. Honrar os fragmentos não é conservar a dor, é reconhecer que cada parte de nós tem valor, inclusive aquelas que foram provadas pelo sofrimento.

Assim, permanecemos não porque tudo foi fácil, mas porque encontramos em nós a força de não nos reduzirmos ao que sofremos. E ao escrevermos, dia após dia, as páginas que ainda não existem, honramos não apenas a nossa própria história, mas também a dimensão mais elevada do que é ser humano: a capacidade de escolher o sentido, sempre, ainda que tudo o mais nos falte.



A felicidade[1]



Renato Paulo Schmidt
Cadeira nº 11 – Patrono Carlos Drummond de Andrade

um olhar inocente da alegria
que se transforma em algo eloquente.
uma dor sentida de uma mão quente
queimada no peito de um coração solitário.

dores afundadas em mágoas (o que será a felicidade?)
cicatrizes que se curvaram e viraram versos,
onde as montanhas mais altas assustam (o desconhecido)
em uma noite de inverno esquecido

me perguntam "o que pode ser a felicidade?"
e essa pergunta me destruiu
relembrando todas aquelas memórias de vida
de um olhar inocente de Bela, toda contente

a felicidade pode ser tudo ou nada
só depende de você e pode ser tanta coisa

quero que tudo fique bem, como na infância
onde a sombra só existia no asfalto onde corria
e não dentro de nós, onde os destinos mudam de tamanha alegria

a felicidade pode ser tanta coisa, pode ser eu, pode ser você
pode ser a luz na escuridão
que aquieta muitas vezes nosso coração

a felicidade pode ser aquele déjà vu de sentimentos
quando estamos andando no parque em plena luz do dia
ou a ceia de Natal com a família

pode ser um efeito sem efeito nos olhares atentos
de João e de Maria, de José e de Mané
de Gil e de Flor, de Bento e de Joana

a felicidade pode ser o "bater" do coração
ao som do bumbo ou do tambor
e até mesmo a voz de nosso Senhor

a felicidade pode ser aquilo que te aquece, não que escurece
a felicidade pode ser tudo ou nada
só depende de você e pode ser tanta coisa



Fonte: Luís Miguel Bugallo Sánchez. Um menino alegre no antigo parque das casas dos Ramírez. 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

1. Participação de Marcela Schmidt

Atordoa-me



Aléssio Biondo Júnior
Academia Campinense Maçônica de Letras
Cadeira nº 06 – Patrono: Júlio César Ferreira de Mesquita

Um hipnótico olhar, um sorriso farto,
Transmitindo paz, harmonia e amor;
Como uma mãe, após as dores do parto,
És linda, rosa desabrochando em flor.

Vens num voo rápido, tresloucando os ares,
Pequeno beija-flor: o doce néctar a bebericar,
Elevas seu espírito aos mais longínquos lugares;
Não há tempo, só luz em seu idílico beijar.

Vulcânicas erupções da terra magmática,
Tornando rubra a negritude noturna,
Em magistral beleza pirotécnica,
Ao teu brilho, tornam-se de beleza soturna.

É do paraíso que vens teletransportada,
Por divinos serafins em douradas asas,
Observar a nós outros mortais, encantada!
Palpita doce coração, inflado em brasas.

Mulher, maravilhosa o és.
Assim fê-la a Divina Natureza.
Conserve esta graça, esta Luz, esta pureza.
Mulher, maravilhosa o és. ■

Não há tempo, só luz em seu idílico beijar.



Fonte: Pedro Ribeiro Simões. Beautiful Woman Profile. 2011. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Em memória dos olhos assustados



Cintia Henriques
Cadeira nº 09 – Patrona: Clarice Lispector



Fonte: Rafael Augusto dos Santos Souza.* Cão Pastor Alemão branco.** ***2017.
Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Oito e vinte da manhã.
Uma avenida.
Movimento, homens, automóveis.
Todos com pressa, têm horário.
Precisam chegar ao trabalho.

Um homem.
Uma motocicleta.
Um cão.

Acidente!

Homem para um lado,
Cachorro e motocicleta para o outro.

Tumulto.
— Chamem o resgate!
E quem será o resgatado?

O motociclista, com alguns arranhões,
Alcança a calçada.
Várias pessoas o cercam.
— Está tudo bem?

E quanto ao cachorro?
Este, pobre coitado, padece.

Caído sobre o asfalto, mal sabe o que lhe acontece.

Tudo o que vê é o movimento das rodas.
Carros, motos, caminhões,
Que agora desviam dele.

Assustado, não pode se mexer.
Os automóveis passam perto demais.
Ele está sozinho.
Cão assustado que só pode mover seus assustados olhos.

Então ele vê pés e pernas movendo-se em sua direção.
"Talvez o socorro, a salvação."
Mas não!
Com seus olhos assustados ele não viu sua companheira de asfalto.
A motocicleta.
É com ela que estão preocupados.

— Nessas horas o dono do cachorro não aparece para pagar o prejuízo.

Dono? Há muito tempo ele não sabia o que era isso.
Talvez uma recordação ou, simplesmente, um sonho.

O homem acidentado não precisava de resgate.
A motocicleta não precisava de resgate.
Então ambos seguiram com suas vidas,
Tinham horário, tinham trabalho.

O cachorro ficou.
Agonizando.
Alguns homens ficaram a observá-lo.
Talvez torcendo para que morresse logo.
"Assim ele para de sofrer."

"E a culpa por não termos ajudado diminua."

— Está vivo ainda?
— Não. Está morto.
Tarde demais.

Alguém resolveu tirá-lo do asfalto
Para que não atrapalhasse o trânsito,
Ou provocasse novos acidentes.
Novos prejuízos.

Os olhos assustados já não se moviam mais.
No canteiro central, da forma como o colocaram, ele ficou.
Novamente sozinho.
E o movimento da avenida prosseguiu.

Um carro parou próximo ao canteiro central.
Um casal desceu e observou o cão
Alguém reparou nele afinal.
Ele realmente existia, era real.

— Está vivo ainda?
— Não. Está morto.
Tarde demais.

O rapaz pegou um saco no bagageiro.
Um saco preto, saco de lixo.
Colocou o cão dentro do saco
E o saco de volta no bagageiro.

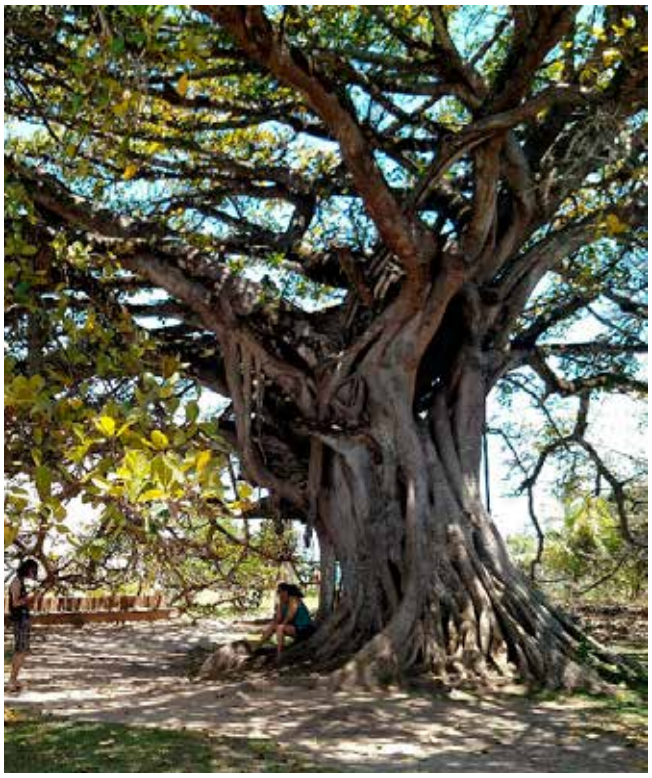
Isso era tudo o que ele representava agora.
LIXO!
Algo que atrapalha a sociedade e deve ser recolhido.
Algo que não nasceu para ser amado.

Pobre cão assustado,
Seu resgate veio tarde demais.

Gameleira da minha infância



Diana Scarpine
Cadeira nº 04 – Patrona: Maria Firmina dos Reis



Fonte: All lordêlo.* Casa da Torre de Garcia d'Ávila e Capela de Nossa Senhora da Conceição. *2018. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

**Um dia, ao fim do caminho,
tu não estavas mais lá.
Em casa, chorei,
verti indignação no papel.**

Tua sombra era meu abrigo.
O oxigênio de tuas folhas
devolvia o fôlego aos meus pulmões.
As curvas do teu tronco centenário
eram arte, prendiam meu olhar.

Sob ti, encontrava paz e refresco.
Verde em meio ao cinza das indústrias,
berço e acalento de minhas palavras,
inspiração de minhas poesias…
Tu eras história, tempo, parte de mim…

Eu não voltava da caminhada
sem o que escrever,
pois tu estavas ali, a sussurrar:
"como eu, seja resistência, persista."

Um dia, ao fim do caminho,
tu não estavas mais lá.
Em casa, chorei,
verti indignação no papel.

Hoje, a febre do mundo
nos dá o último aviso.
Ao longo dos séculos,
quantas de tuas irmãs tombaram
pela cegueira humana?
Precisamos nos reintegrar à natureza,
ressignificar o passo para sobreviver.

Felicidade



Getúlio Canuto Vieira
Academia Campinense Maçônica de Letras
Cadeira n.º 18 – Patrono: Orosimbo Maia

Felicidade pode ser...
A verdade que vem de dentro
É transformar tudo
em um grande evento.
É como plantar o pão
E colher trigo e fermento.

Felicidade pode ser...
A qualidade de melhorar as coisas com simples benzimento.
Sair batizando tudo
que se avista no firmamento.

Felicidade pode ser...
Entender a necessidade do sustento.
É como segurar com as mãos o vento
e assegurar a massa seu crescimento.

Felicidade pode ser...
A simplicidade de testemunhar o milagre de cada momento
Ver uma flor em oração
Juntando migalhas de um velho pão
em um novo alimento.

Tudo Pode ser Felicidade.

Lampião e seu bando:

banditismo, vestimenta e vaidade



J. R. Guedes de Oliveira
Membro Honorário



Fonte: Benjamin Abrahão Botto.* Registro do bando de Lampião*, 1930.
Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Tenho, à minha frente, alguns livros sobre Lampião e seu bando. São de diversos autores, a saber:

- ***Lampião – o rei dos cangaceiros***:[1] A obra em si trata dos pormenores do maior e mais longo banditismo no sertão do Nordeste brasileiro. Uma pesquisa intensa e metódica, compondo, desta forma, um retrato fiel do que representou o Capitão Virgulino Ferreira.
- ***Lampião – Capitão Virgulino Ferreira***:[2] A obra, conforme dito pelos seus editores, é uma narrativa das aventuras vividas pelos

1. CHANDLER, Billy Jaynes. Tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1981.

2. MACEDO, Nertan. 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Renes, 1975.

bandoleiros sob a chefia do Capitão das Caatingas: as causas e o surgimento que levaram ao sobressalto e ao espanto por onde passaram em sua avassaladora ação criminosa.

- ***Cangaceiros e Fanáticos***:[3] Obra monumental do ponto de vista sociológico, considerada de fundamental importância para compreender todos os aspectos fanáticos que moveram a união de um capitão e seus seguidores. O título é sugestivo, pois envolve outros aspectos do fanatismo em torno do Padre Cícero. Assim, este livro se fundamenta no tempo do coronelismo e de suas imperfeições socioeconômicas.
- ***Lampião, seu tempo e seu reinado***:[4] Obra extensa, abrangente e, ainda, histórica, social, pluricultural e ecológica, segundo o prefácio de José Rafael de Menezes.

Isto posto, vamos nos concentrar nesta coleção de cinco volumes de que trata Maciel (1985/1987), especificamente nos três temas motivo do título: banditismo, vestimenta e vaidade. Outros temas, tão palpitantes quanto estes, ficam para autores mais debruçados sobre os vários aspectos nos quais o bando de Lampião se pontificou em um tempo não muito remoto da história brasileira.

Aspectos do banditismo

Entranhada em uma região deveras paupérrima, em idos tempos das décadas iniciais do século XX, a figura de Lampião e a de seus asseclas produziram em sua vasta região um certo pavor e variadas formas de espalhar o medo, a incerteza e a angústia nas páginas da nossa história. Houve sangrentas batalhas, pérfidas e brutais ações contra indefesos e até uma certa arrogância perante o *status quo* das organizações institucionais.

No Volume II – *Guerra de Guerrilha*, o autor aborda as investidas do bando de Lampião, descrevendo-as em duas fases históricas: a 1ª Fase, de Vinditas (isto é, ajuste de contas), desde a sua entrada no cangaço até 1925, durando 5 anos de intensas lutas; e a 2ª Fase, de Domínio, que vai de 1926 até a sua morte, em 1938, com longos 13 anos de duração. Nessas duas fases distintas, a figura de Lampião se projeta nacionalmente sem que se conseguisse lhe pôr um ponto final, levando-se em conta o seu domínio por meio do terror durante cerca de 20 anos. Nota-se a extensão do tempo necessário para solucionar um problema que afetava todo o Nordeste brasileiro, compreendendo as décadas de 1920 e 1930 em sete estados: Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte.

É preciso definir Lampião e seu bando como uma expressão criminosa na qual a vontade do seu mandante se sobrepunha aos demais e decidia a vida ou a morte de suas vítimas. Não se deve, assim, situá-lo como um Robin Hood do sertão nem como um "Che" Guevara de tempos não muito distantes. Em absoluto. A articulação de Lampião e seu bando tinha variados propósitos, alguns até estimulados por uma concepção de mudança socioeconômica da região — enfrentando senhores de engenho, proprietários de terras e elites dominantes, tendo como foco a massa de desfavorecidos do sistema agrário como um todo. O desequilíbrio social era claro e evidente, o que propiciava a revolta e a ação descontrolada do referido grupo unido em torno de Lampião.

As frequentes investidas contra os indefesos e contra os poderosos chefes da oligarquia

3. FACÓ, Rui. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1963.

4. MACIEL, Frederico Bezerra. 2ª ed. Cinco volumes: I – As origens, II/III – Guerra de guerrilhas, IV – a Campanha da Bahia e V – O apogeu do Domínio. Petrópolis: Vozes, RJ, 1985/1987.

Seja como for, a vestimenta de Lampião e seu bando suscita, até os dias atuais, reflexões sobre essa marca estética e funcional que servia como elemento de reconhecimento dos membros do grupo em sua vida errante pelo sertão.

reinante eram o verdadeiro estopim do descontentamento e resultavam em acirradas lutas das forças públicas institucionais contra algumas centenas de homens surgidos desse fenômeno social registrado na história do Brasil. Além disso, houve sua própria incursão (a mando de poderosos) contra a Coluna Prestes (1925-1927), cercada de clamor geral, vindo principalmente do tenentismo reinante na então Capital Federal, o Rio de Janeiro. Tudo isso compunha um quadro real que escapava completamente ao controle da ordem constitucional.

O que se nota no banditismo de Lampião e seu bando era a saga incontrolável para eliminar ou anular a ação de seus opositores, ou seja, daqueles que lhes eram contrários em todos os sentidos. Foram duas décadas de luta cotidiana com derramamento de sangue no Nordeste brasileiro, marcando um período de extrema violência.

As características da vestimenta

Longe de ser um mero enfeite nordestino, a vestimenta de Lampião e seu bando tinha uma função de proteção e camuflagem na caatinga. Assim como o verde militar serve para camuflagem na floresta, o tom branco-amarelado — produzido artesanalmente — revelava uma característica diferencial até então desconhecida. Tratava-se de um estilo singular em relação ao modismo da época, cercado de inúmeros mistérios. Sabia-se também que essas vestimentas eram confeccionadas pelas próprias mulheres que integravam o bando. Tudo era costurado com agulhas grossas em tecidos resistentes, ornamentado com estrelas, adereços, bolsos e cinturões adequados ao transporte de armas. Sandálias de couro entrelaçadas, calças com pregas, bolsos longos e chapéus de couro de formato peculiar caracterizavam Lampião e seu bando, conferindo-lhes o aspecto de uma organização *sui generis*, surgida em um tempo de seca, pauperismo e incertezas em um Nordeste castigado pelas intempéries.

As linhas cruzadas e entrelaçadas das costuras nas roupas dos cangaceiros são, até hoje, motivo de pesquisa. Criativa e ajustada às necessidades do grupo, essa vestimenta diferenciava-se enormemente do padrão do início da década de 1920. Soava como uma contestação ao modelo dominante, sobretudo no Sul do país. Trata-se da afirmação de uma estética própria e funcional, adequada à defesa contra a vegetação agressiva da caatinga sob o sol abrasador.

Atualmente, quando se estuda a concepção do vestuário do cangaço, leva-se em conta a sua função tática de confundir os adversários em terrenos árduos ou na vegetação fechada. Tanto é assim que, até hoje, percebe-se nas vestimentas nordestinas a influência desses alinhavos e traços de costura (moda nordestina).

Seja como for, a vestimenta de Lampião e seu bando suscita, até os dias atuais, reflexões sobre essa marca estética e funcional que servia como elemento de reconhecimento dos membros do grupo em sua vida errante pelo sertão.

A característica vaidosa

A vaidade no bando de Lampião foi uma marcante característica presencial: o uso de adereços e de perfumaria (com preferência para fragrâncias francesas) dava a eles uma singular força motriz em seus ímpetos avassaladores. Misturava-se a força brutal à beleza da vestimenta e à vaidade, praticada não só por Lampião, mas também por Maria Bonita e por outras mulheres ricamente ornamentadas. Todas, sem exceção, apreciavam bons perfumes, vestimentas elaboradas e a asseio corporal.

Tem-se notícia de que a vaidade de Lampião era tanta que ele mandava vir da França os melhores e mais caros perfumes. Os estudos indicam que essa vaidade não era exclusiva do líder, mas compartilhada por todo o grupo. Algumas curiosidades:

- **A fragrância:** O perfume preferido de Virgulino era o *Fleur d'Amour*, mas relatos também citam essências como *Madeira do Oriente*.
- **Uso prático e estético:** O perfume ajudava a disfarçar o odor do suor e das grossas roupas de couro, além de reforçar a imagem do líder.
- **Construção de imagem:** Usar artigos de luxo e importados era uma forma de ostentar poder, *status* e desafiar a autoridade dos coronéis da região.
- **O bando:** Lampião não reservava o luxo apenas para si; ele presenteava Maria Bonita e outras mulheres do grupo com cosméticos e fragrâncias.

Como se nota pela descrição, a vaidade em Lampião e seu bando não tinha uma causa única, estando associada ao desafio à autoridade dos coronéis de então. Animados pelo perfume, seguiam em caminhadas de conquista, espalhando o medo — um cenário quase surreal. Não há, contudo, unanimidade em torno dessa vaidade, pois não se pode determinar exatamente o que se passava na mente de Lampião ou na dos demais comandados. Perfumar-se para a luta? Ir cheiroso para a batalha árdua sob o sol abrasador? Pura excentricidade de um líder sedento de conflitos? São perguntas que permanecem no tempo.

Diante desses três temas aqui abordados, levam-se em conta também outros aspectos discutidos, mesmo decorridos cerca de 100 anos do surgimento do cangaço nas terras áridas e sofridas do sertão.

O certo é que Lampião e seu bando continuam sendo tema de dissertações, artigos, ensaios e pesquisas sob os mais variados prismas. Diversos autores já se debruçaram sobre esse tema palpitante, e muitos outros certamente nos brindarão com novas descobertas sobre o cangaço que assolou o Nordeste do país.

VOLACC
VOLUNTÁRIOS DE APOIO NO COMBATE AO CÂNCER
180 FAMÍLIAS
Uma rede de cuidado.
Milhares de histórias.
Cuidamos de pessoas
com câncer e suas famílias.
APOIE A VOLACC
APONTE A CÂMERA E DOE
Bradesco

À procura de um leitor



J. H. Martins
Cadeira nº 01 – Patrono: Machado de Assis

Ser escritor independente no Brasil é descobrir que escrever o livro talvez tenha sido a parte mais fácil.

Depois da última página, começa outra batalha: ser lido.

O autor independente escreve, revisa, publica, divulga, grava vídeos, participa de feiras, oferece exemplares, alimenta redes sociais e tenta convencer o público de algo básico: seu livro merece uma chance.

Enquanto isso, vitrines e grandes campanhas continuam ocupadas, em sua maioria, pelos mesmos nomes, pelas mesmas editoras e pelos autores que já chegam acompanhados de publicidade.

O problema não é falta de livro. É falta de visibilidade.

No Brasil, muita obra de qualidade desaparece antes mesmo de encontrar seu público. Não porque seja ruim, mas porque ninguém a viu.

O escritor independente percebe cedo uma realidade desconfortável: talento não garante leitor.

É preciso exposição. Persistência. Dinheiro para divulgação. Presença digital. Contatos. Eventos. É uma resistência quase teimosa ao silêncio.

Há ainda outro obstáculo: convencer pessoas a comprar livros de autores que elas não conhecem.

Muitos leitores dizem querer descobrir novas vozes, mas, diante da escolha, retornam aos nomes consagrados.

O problema não é falta de livro. É falta de visibilidade.

É compreensível. E também é exatamente assim que novos autores permanecem desconhecidos.

Forma-se um círculo perverso: não compram porque não conhecem; não conhecem porque ninguém compra, comenta ou recomenda.

Por isso, cada leitor conquistado tem um valor enorme.

Uma resenha ajuda.

Uma indicação ajuda.

Uma fotografia do livro ajuda.

Um comentário ajuda.

Comprar diretamente do autor ajuda ainda mais.

O escritor independente não precisa de piedade, favor ou aplauso automático.

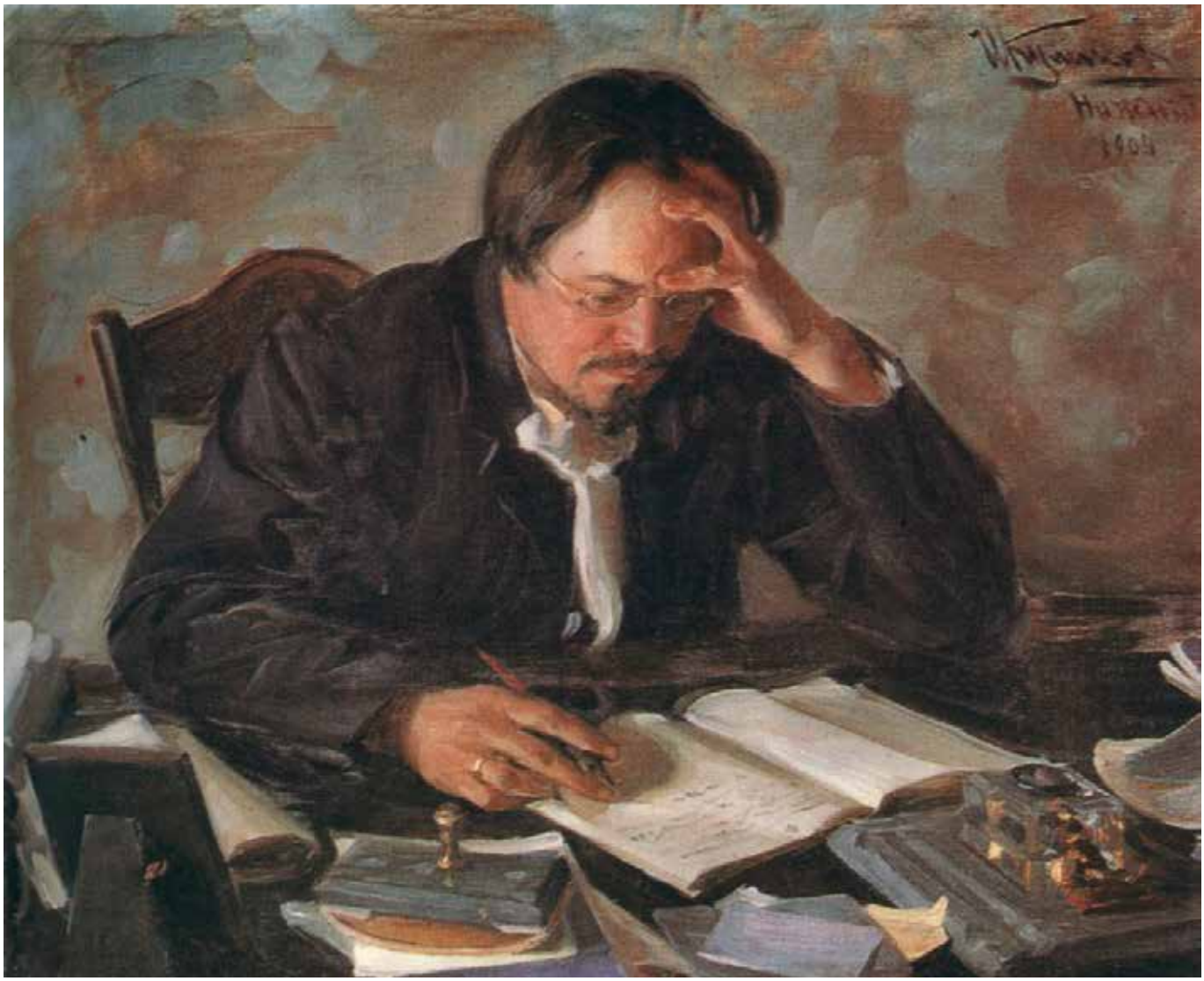
Precisa de oportunidade.

Precisa que alguém abra o livro antes de decidir se ele merece ou não espaço.

Porque o maior desafio da literatura independente brasileira não é publicar.

É atravessar a distância entre existir e ser descoberto.

E, nesse caminho, cada leitor pode ser uma ponte.



Fonte: Gemälde galerie der Stadt Murom. **Pintura do escritor russo Evgeny Chirikov.** *1904. Disponível em: https://commons.wikimedia.org*

EDN

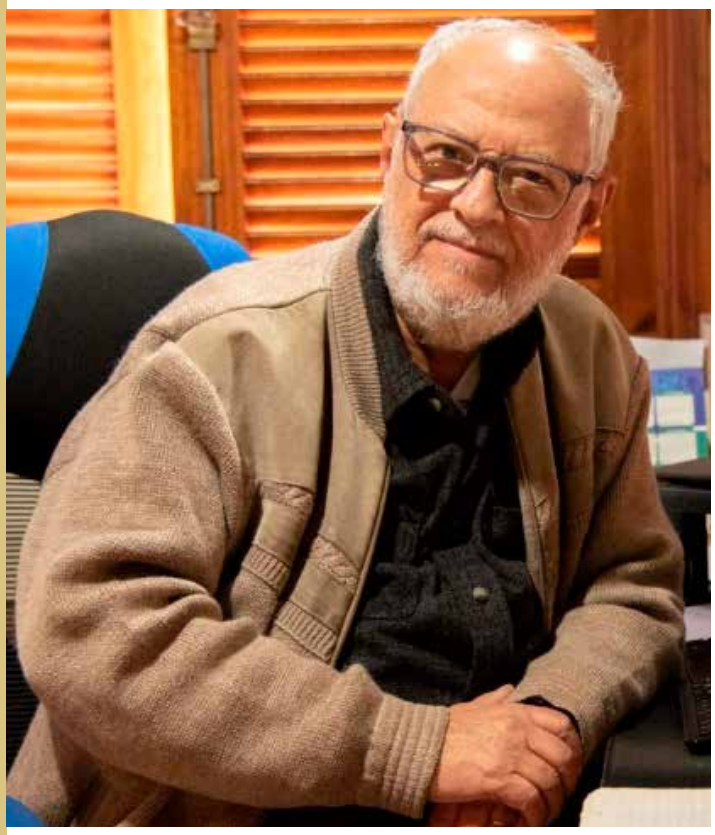
EDUCANDÁRIO
DEUS E A NATUREZA
Desde 1998 transformando vidas!

Entrevista com Antônio da Cunha Penna [ACP], membro honorário da ALI



Jacimara Miranda [JM]
Cadeira n.º 02 – Patrona: Cora Coralina

A revista vozes & letras, em sua segunda edição, tem o prazer de apresentar a entrevista com escritor e fotógrafo Antônio da Cunha Penna, membro honorário da ALI.



O escritor e fotógrafo Antônio da Cunha Penna. Fonte: Paulo Preto Fotografia.

[JM] Caríssimo Acadêmico Antônio da Cunha Penna, a revista Vozes e Letras, bem como toda a Academia de Letras de Indaiatuba, presta-lhe esta homenagem na forma de Entrevista, com o objetivo de compartilhar com seus leitores algo de sua trajetória profissional. Assim, gostaríamos de oferecer-lhe este espaço para que se apresente livremente.

[ACP] Nasci na cidade mineira de Santa Bárbara, em três de agosto de 1945. Mudei-me para Indaiatuba em 1957. Dos 13 aos 28 anos trabalhei em funções que não correspondiam à minha vocação de artista. Sem nunca deixar de atender o forte apelo que sempre me inquietou, pratiquei artes plásticas, artes cênicas, canto e composição. Aos 28 anos me profissionalizei como fotógrafo, atividade artística que veio me proporcionar sustento e realização. Aos 51 anos de idade inclui a literatura no rol de meus interesses artísticos. Escrevi crônicas para a Revista da Tribuna de Indaiá e ganhei dois concursos literários na categoria Contos. Tenho cinco livros publicados (um de crônicas, três de histórias do cotidiano indaiatubano e um de contos). No momento trabalho em meu segundo livro de contos, meu gênero literário preferido.

[JM] Qual a importância da ALI no contexto de Indaiatuba e Região?

[ACP] Uma cidade se torna importante por diversos aspectos. Conheci Indaiatuba quando tinha cerca de 19.000 habitantes. Setenta anos depois de intensa vida social e cultural, posso afirmar que

a vi sair de sua condição de "patinho feio da região" para o "belo cisne" que encanta a quem venha a conhecê-la. Famosa pela pujança e qualidade de vida, no entanto carecia de uma Academia de Letras. A **ALI** veio para ajudar na constante luta pela valorização da leitura e da prática da literatura, a mãe de todas as artes.

[JM] Qual a importância da escrita e da literatura na sua vida em especial?

[ACP] Fundamental. Por contingências da vida que não cabem ser aventadas aqui, tive um ensino fundamental medíocre, mas que, no entanto, não arrefeceu em mim o fascínio pela arte da escrita. Aprendi a gostar de ler com as revistas em quadrinhos (gibis). Conforme pude, li alguns clássicos da literatura e a paixão foi se fortalecendo. Mas a luta pela vida só me deixou enveredar-me pela aventura da escrita literária aos 51 anos de idade. Escrevo letras de música, poesia, crônicas, pesquisa histórica e contos, gênero no qual eu me realizo. Gosto de sua concisão e o desafio de ter que dizer o máximo, com economia de informação; contando ainda com as entrelinhas e o conhecimento do leitor.

[JM] No âmbito da escrita e da literatura conte-nos um pouco de sua trajetória e experiência.

[ACP] Aposentado desde 2021, passei a dedicar-me à literatura, arte que adotei como *hobby* no ano de 1996. Em 1998, fui o primeiro colocado na categoria conto, do concurso promovido pela Secretaria de Cultura do Estado (*Mapa Cultural Paulista*). Em 2002, ganhei o primeiro lugar no concurso de crônicas *História de Mãe*, promovido pelo Shopping Jaraguá entre as cidades de Jaguariúna, Campinas e Indaiatuba. De agosto de 2003 a dezembro de 2006, escrevi crônicas para a *Revista da Tribuna* (Jornal Tribuna de Indaiá). Em 2013, recebi Menção Honrosa na categoria contos**,** na fase estadual do Mapa Cultural Paulista. Em três de outubro de 2026 tive a alegria de ter meu livro de contos (O Último Natal) como a obra escolhida para leitura e objeto de análise por seus participantes.



Capa do livro "O Último Natal e outras histórias". Fonte: nerdinterior.com.br, julho de 2025.

Obras publicadas:

- *Só Dói Quando Dou Risada* - crônicas (2005);
- *Nos Tempos do Bar Rex* - história do cotidiano de Indaiatuba (2010);
- *Tipos Notáveis da Popularidade* - história do cotidiano de Indaiatuba (2015);
- *Retrovisões* - história do cotidiano de Indaiatuba (2023);
- *O Último Natal e outras histórias* - contos (2025).

[JM] Caso tenha algo mais que queira compartilhar, fique à vontade, deixando um recado para nossos leitores.

[ACP] Agradeço a homenagem e externo aqui todo a minha consideração à equipe da **Revista Vozes e Letras**, em especial ao nosso querido Rubens Pantano Filho, a quem eu devo a atenção, compreensão e paciência. Abraços a todos e boa leitura.

Teoria Fuzzy

Da linguagem humana à representação matemática



Alberto Martins
Cadeira nº 18 – Patrono: Pablo Neruda

O mistério da vida me causa a mais forte emoção. É o sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece esta sensação ou não pode mais experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos se cegaram.
ALBERT EINSTEIN

A vida se expressa pela sensibilidade: olhar uma paisagem, saborear um bom alimento, receber o toque carinhoso de quem amamos, ouvir uma música que toca nossos corações ou sentir o perfume de uma flor. Mas o que seria somente o "sentir" se não tivéssemos a oportunidade de compartilhá-lo?

A palavra e a escrita constituem meios pelos quais nos relacionamos, percebemos o mundo e a nós mesmos. Por meio delas, expressamos emoções, percepções e pensamentos; em síntese, traduzimos e compartilhamos nossas experiências.

A vida é sublime, complexa e misteriosa. A conhecida reflexão atribuída a Albert Einstein sobre o mistério da vida, a emoção e a capacidade humana de experimentar espanto e surpresa pode ser entendida como uma valorização dessa capacidade de perceber, admirar e procurar compreender a realidade. Surge, então, uma questão fundamental: **como transformar aquilo que sentimos e percebemos em algo que possa**



Fonte: Los Paseos. **Fuzzy Logic.** *Tucson, Az. 2019. Disponível em: https://commons.wikimedia.org*

ser compartilhado e compreendido por outras pessoas?

A linguagem desempenha papel fundamental nesse processo. Quando dizemos que algo é "quente", "frio", "bonito", "próximo", "distante", "alto", "baixo", "rápido" ou "lento", utilizamos conceitos presentes na experiência cotidiana, mas que nem sempre possuem fronteiras perfeitamente definidas.

A ciência, por sua vez, necessita de formas de comunicação que permitam descrever, comparar e analisar os fenômenos. Para isso, em sua linguagem utiliza símbolos, conceitos e modelos matemáticos. Pode-se perceber, assim, uma sequência que acompanha a própria evolução do conhecimento humano: **sentir → perceber → nomear → conceituar → simbolizar → modelar.**

Quanto mais complexa é a realidade observada, maior pode ser a necessidade de transformar percepções e conceitos em representações capazes de auxiliar na sua compreensão. É nesse contexto que podemos compreender uma das contribuições da **Teoria Fuzzy**, introduzida por **Lotfi A. Zadeh, em 1965**. A Teoria Fuzzy foi criada para representar matematicamente situações em que determinados conceitos se apresentam de forma **vaga**, isto é, quando não existe uma fronteira perfeitamente definida entre categorias.

Considere, por exemplo, a palavra "alto". A partir de que altura uma pessoa deixa de ser baixa e passa a ser alta? Não existe necessariamente uma fronteira universal e rígida. Entre "baixo" e "alto" existe uma região de transição na qual nossa linguagem utiliza diferentes graus de percepção.

É justamente nesse tipo de situação que a Teoria Fuzzy encontra uma de suas aplicações mais naturais. Palavras como "quase", "aproximadamente", "próximo", "alto", "baixo", "quente", "frio", "jovem" ou "velho" expressam conceitos cujas fronteiras podem ser graduais.

Na **lógica clássica**, uma afirmação é tradicionalmente considerada verdadeira ou falsa, podendo-se associar, de forma convencional, os valores 1 e 0. A abordagem fuzzy amplia essa ideia ao permitir que a uma situação se apresente diferentes **graus de pertinência**, representados por valores entre 0 e 1.

Assim, em vez de exigir que algo seja exclusivo, pertença ou não pertença, ou seja, situação rígida, absoluta a uma categoria (Verdade ou Falso), podemos representar diferentes graus de pertencimento. Por exemplo, no contexto clássico a temperatura de 29°C teria sua classificação entre "alta ou baixa", mas sob o aspecto fuzzy, há uma flexibilidade, traduzindo o conceito de "temperatura alta" pela classificação de "quase alta" atribuindo dentre avaliação baixa (0) e alta (1) um valor coerente a situação denominado grau de pertinência, no caso podendo ser 0,7. É importante destacar que esse valor 0,7 **não significa 70% de verdade nem 70% de probabilidade**. Ele representa o grau com que aquela temperatura pertence ao conceito "temperatura alta", segundo os critérios adotados no modelo.

Fuzzy e probabilidade: conceitos diferentes

A **Teoria das Probabilidades** trata de fenômenos relacionados à aleatoriedade na ocorrência de eventos. Quando afirmamos que "a probabilidade de chover amanhã é de 80%", o valor 0,8 está relacionado à ocorrência de um evento, necessitando conhecer dados da ocorrência, com que "frequência" situação anteriormente sucedeu.

Na Teoria Fuzzy, entretanto, o significado é diferente. Se dissermos que o tempo está para "quase chuva", podemos atribuir grau de pertinência 0,8 ao conjunto "chuva amanhã", ou seja, estamos representando a **gradualidade do conceito "chuva amanhã"**, e não a probabilidade de chover. Note que no contexto fuzzy a atribuição do parâmetro

pode depender somente da experiencia do observador e não necessariamente de dados sobre o que ocorreu em períodos anteriores.

Podemos, portanto, estabelecer uma distinção fundamental:

Probabilidade → trata da incerteza associada à ocorrência de eventos.

Teoria Fuzzy → representa a incerteza pela gradualidade associadas a conceitos e às suas fronteiras.

Essas abordagens não são concorrentes, complementam-se. Em muitos problemas complexos, Probabilidade, Estatística e Teoria Fuzzy podem ser utilizadas de forma a se inteirar.

Da experiência humana aos sistemas inteligentes

A Teoria Fuzzy torna-se particularmente útil quando o conhecimento envolve conceitos linguísticos ou graduais. Esse conhecimento pode vir da experiência de especialistas, da observação de fenômenos, de regras linguísticas, de dados numéricos ou da combinação dessas fontes.

Um agricultor ao observar o céu, a umidade, a temperatura e os ventos conclui que "o céu está muito carregado" ou que "há condições favoráveis à chuva". Esse conhecimento, construído pela experiência, pode ser representado por regras que um sistema computacional consiga processar. Essa regra poderia ser expressa da seguinte maneira: **"Se a temperatura está alta e a umidade está elevada, então a possibilidade de chuva é alta."**

A Teoria Fuzzy permite transformar conceitos desse tipo em representações matemáticas. O objetivo não é substituir a experiência humana, mas possibilitar que determinados aspectos desse conhecimento sejam formalizados e utilizados por sistemas computacionais.

Aplicações modernas da Teoria Fuzzy

A partir das décadas de 1970 e 1980, pesquisadores desenvolveram sistemas fuzzy capazes de utilizar regras semelhantes à linguagem humana para controlar processos e apoiar decisões. Um marco importante foi o trabalho de **Ebrahim Mamdani**, que demonstrou a possibilidade de utilizar regras linguísticas em sistemas de controle.

No Japão, durante a década de 1980, a tecnologia fuzzy alcançou grande visibilidade em aplicações industriais e comerciais, sendo utilizada em máquinas de lavar, aparelhos de ar-condicionado, câmeras, sistemas de transporte e diversos outros equipamentos.

Na **engenharia e no controle automático**, sistemas fuzzy podem trabalhar com conceitos como "temperatura um pouco alta", "velocidade muito elevada" ou "erro pequeno", determinando gradualmente a intensidade de uma ação. Essa característica é especialmente útil quando o comportamento de um sistema é complexo ou difícil de descrever por uma única equação.

Na **medicina e na saúde**, métodos fuzzy podem auxiliar na análise de sintomas, fatores de risco, classificação de pacientes e apoio à decisão. Na **agricultura**, podem ser empregados na avaliação da irrigação, umidade do solo, temperatura, produtividade e qualidade das culturas, combinando dados de sensores com conhecimento de especialistas.

Na **engenharia de transportes**, podem contribuir para o controle do tráfego, avaliação de congestionamentos, gerenciamento de semáforos e sistemas de transporte inteligente. Em **economia e administração**, podem apoiar a avaliação de riscos, a classificação de alternativas

e a tomada de decisões envolvendo múltiplos critérios.

Na **Inteligência Artificial**, a Teoria Fuzzy pode ser combinada com redes neurais artificiais e algoritmos evolutivos, dando origem a sistemas híbridos, como os **sistemas neuro-fuzzy**. Enquanto as redes neurais podem aprender padrões a partir de dados, a lógica fuzzy permite representar conhecimento por meio de regras compreensíveis.

Essa integração faz parte de um campo mais amplo conhecido como **Soft Computing (Computação Suave)**, que reúne diferentes métodos destinados a tratar problemas complexos, imprecisos ou difíceis de representar por modelos rígidos.

Fuzzy, Inteligência Artificial e o mundo atual

Com o avanço da Inteligência Artificial, da Internet das Coisas, da robótica e dos sistemas autônomos, tornou-se cada vez mais importante combinar dados numéricos com conhecimento humano.

Sensores podem medir temperatura, pressão, velocidade, umidade, luminosidade e muitas outras grandezas. Entretanto, medir não significa necessariamente interpretar. Em muitas situações, é preciso relacionar os dados a conceitos como "alto", "baixo", "próximo", "seguro", "perigoso", "adequado" ou "insuficiente".

Em uma "**cidade inteligente"**, por exemplo, informações sobre trânsito, quantidade de veículos, velocidade, condições climáticas, consumo de energia e qualidade do ar podem ser analisadas conjuntamente. Um sistema fuzzy pode transformar esses dados em avaliações graduais, como "trânsito moderado", "congestionamento elevado" ou "qualidade do ar pouco satisfatória", colaborando com a **sustentabilidade** e a **qualidade de vida** da população.

Na **Indústria 4.0**, sensores e máquinas produzem grandes quantidades de dados, e técnicas fuzzy podem contribuir para transformar parte dessas informações em decisões graduais, especialmente quando é necessário incorporar o conhecimento de especialistas. Na **robótica**, informações provenientes de sensores podem ser combinadas com regras fuzzy para decidir, por exemplo, quando acelerar, reduzir a velocidade, mudar de direção ou evitar determinado obstáculo.



Ilustração do conceito de* inteligência artificial *e redes neurais conectadas a uma placa de circuito impresso. Fonte: A espiral do conhecimento. Disponível em: https://revistaadnormas.com.br

Esses exemplos mostram que a importância da Teoria Fuzzy não está apenas nos cálculos matemáticos. Uma de suas principais contribuições está na possibilidade de **representar matematicamente formas de conhecimento originalmente expressas por meio da linguagem humana**.

Da linguagem à matemática e da matemática à decisão

Podemos retornar à sequência inicialmente apresentada: **sentir → perceber → nomear → conceituar → simbolizar → modelar.** A Teoria Fuzzy acrescenta a essa sequência uma nova possibilidade: **linguagem → representação matemática → processamento → decisão.**

Aquilo que uma pessoa expressa como "está muito quente", "o trânsito está pesado", "o solo



Fonte: Imagem gerada pelo Gemini/Google.

está pouco úmido" ou "o risco é elevado" pode, dentro de um modelo adequadamente construído, ser representado por variáveis, conjuntos fuzzy, graus de pertinência e regras de inferência.

Isso não significa que uma máquina passe a sentir ou compreender exatamente como uma pessoa. Significa que determinados aspectos do conhecimento humano podem ser **formalizados, representados e processados matematicamente**.

Essa é uma das características mais fascinantes da Teoria Fuzzy: estabelecer uma ponte entre dois mundos aparentemente distintos — o mundo da linguagem humana, rico em nuances, e o mundo da Matemática, baseado em estruturas formais.

Desde sua introdução por Zadeh, em 1965, a Teoria Fuzzy evoluiu de uma proposta matemática para uma ferramenta utilizada em diferentes áreas da ciência e da tecnologia. Suas aplicações alcançam controle, engenharia, agricultura, medicina, transportes, economia, robótica, Inteligência Artificial, Cidades Inteligentes e Indústria 4.0.

Mais do que substituir a lógica clássica, a Teoria Fuzzy **amplia as possibilidades de representação matemática**, permitindo tratar situações nas quais as fronteiras entre categorias não são rígidas e nas quais a linguagem humana desempenha papel importante na descrição do conhecimento.

Entre a sensibilidade que experimentamos, a percepção que construímos, as palavras que utilizamos para descrevê-la e os modelos matemáticos que desenvolvemos para representá-la existe um longo caminho.

A Teoria Fuzzy ocupa um lugar singular nesse caminho: **transformar nuances da linguagem e do conhecimento humano em representações matemáticas capazes de ser analisadas e utilizadas na construção de sistemas inteligentes.**

Referências

BASSANEZI, Rodney; BARROS, Laécio. **Tópicos de Lógica *Fuzzy* e Biomatemática.** 2.ª ed. Campinas: Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (Imecc) - Unicamp), 2010.

MARTINS, Alberto. **Integral de Sugeno e o Teorema Fundamental do Cálculo Fuzzy**: aplicações. 2023. 134 f. Tese (Doutorado em Matemática Aplicada) – Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (Imecc), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2023.

Ciência & Arte: um diálogo possível



Rubens Pantano Filho
Cadeira n.º 31 – Patrono: Mário Quintana

A realidade não é uma exposição a ser vistoriada pelo homem, com o rótulo de "Não tocar". Não há aspectos fotografados, experiências copiadas, em que não tomemos parte. A ciência, tal como a arte, não é uma cópia da natureza, mas uma recriação da mesma. Refazemos a natureza pelo ato da descoberta, no poema ou no teorema, e o grande poema e o teorema profundo são novos para todos os leitores, e, todavia, constituem as suas próprias experiências, porque eles próprios as tornam a criar. São os marcos da unidade na variedade. No instante em que o espírito capta isso, quer na arte quer na ciência, o coração desfalece.
JACOB BRONOWSKI

Mais de vinte anos após a conclusão do mestrado e quase quinze anos após a defesa do doutorado, em 2022 decidi pelo retorno aos bancos escolares na universidade, colocando na pauta mais uns anos de estudos em um segundo mestrado. Na Universidade Federal de São Carlos, apresentei uma dissertação na qual procurei unir um dos meus *hobbies* (que se tornou sério): a dança de salão, o tango em particular, e o ensino da Física.

A pesquisa desenvolvida adotou como referencial teórico os estudos de João Zanetic e de Luís Paulo Piassi, ambos da Universidade de São Paulo (Brasil), Glen Aikenhead, da *University of Saskatchewan* (Canadá) e Maria Eduarda Vaz Moniz dos Santos, da Universidade de Lisboa (Portugal). Nas propostas oferecidas foram utilizados vídeos de danças folclóricas, clássicas, de salão, contemporâneas e/ou de competição, bem como imagens de performances artísticas de bailarinos, todos apropriados como elementos para discussão de alguns temas da Mecânica Newtoniana.

No mundo contemporâneo, ampliaram-se significativamente as informações disponíveis e os conhecimentos sobre qualquer tema, revelando a ineficiência de uma só disciplina – no âmbito acadêmico - explicar os diversos e complexos fenômenos da vida atual. Justifica-se assim a importância dos trabalhos pedagógicos com viés interdisciplinar.

Física e Arte situam-se – aparentemente - em campos distintos do saber e bem distantes um do outro. A Física é uma área do conhecimento que costuma ser posta no campo da razão, do rigor descritivo da natureza e da precisão das medições. A Arte, por sua vez, é alocada no campo da intuição, da criatividade e liberdade de criação. No entanto, assim como a Arte, considera-se a Ciência como um elemento cultural de um amplo conjunto que inclui as crenças, a lei, os costumes,

valores, bem como outras capacidades e hábitos desenvolvidos socialmente pelo homem.

A possibilidade de articular Física e Arte - a Dança especificamente - leva em conta que na educação tem havido recentemente uma maior atenção às formas de aprendizado multissensoriais, coincidindo com um afastamento da noção platônico-cartesiana de uma divisão entre corpo e mente. Em um contexto mais amplo, outros autores registram que é crescente a discussão abordando a importância de se apresentar os conhecimentos científicos como elementos indissociáveis da cultura humana.

Por essas sendas, considera-se que a aproximação da educação da ciência com relação às artes valoriza a sensibilidade e a sensoriedade, bem como a criatividade e a ludicidade. Da mesma maneira, há autores que consideram que a arte associada à educação científica, por meio de atividades integradoras, pode propiciar aos estudantes o desenvolvimento de novas intuições e compreensões, pela incorporação do processo artístico a outros processos investigativos.

No nível de ensino para o qual as atividades foram propostas – Ensino Médio (EM) - não é comum os estudantes estabelecerem ligações entre os temas típicos de uma e de outra das duas referidas áreas. Buscou-se então a aproximação desses dois conjuntos de conhecimentos situados em campos do saber que – aparentemente – não apresentam intersecções ou mesmo aproximações, contribuindo assim para superar ou ao menos minimizar a fragmentação dos saberes então trabalhados no âmbito do EM. A proposta pretendeu contribuir para tornar cativantes, "mais leves" e atrativas as atividades de ensino da Física, tendo em vista que, tradicionalmente, a matéria é considerada pelos estudantes como pertencente ao "núcleo duro" do rol das disciplinas típicas dessa etapa de escolaridade.

A dissertação final contemplou um produto educacional que consiste em um conjunto de propostas para o ensino de conceitos relacionados à Mecânica básica e as leis a eles associados, utilizando a Arte – particularmente a Dança – como ponto de apoio e elemento motivacional. Nas atividades aproximando Física e Dança são discutidos conceitos típicos da Mecânica Newtoniana: referencial, movimentos, velocidade, aceleração, força, energia e sua conservação, torque e equilíbrio, partindo da análise de vídeos e imagens de dança em suas várias modalidades: folclóricas, clássicas, de salão, contemporâneas e/ou de competição.

As sugestões apresentadas, todas relacionadas à Dança, não pressupõem que os docentes de Física sejam praticantes de alguma modalidade de dança. É suficiente que tenham empatia com os temas propostos e estejam motivados para atividades um tanto distintas das tradicionais que comumente são utilizadas para ensinar Física.

As propostas (exemplos a seguir) também podem ser utilizadas nos anos iniciais dos cursos de Licenciatura que têm a Física básica em suas grades curriculares, tal qual as graduações em: Biologia, Ciências, Física, Matemática ou Química. Considera-se que, para tais estudantes, elas poderão despertar a atenção dos futuros docentes para a importância das práticas com atividades interdisciplinares.

Vamos então às propostas.

Discussões sobre forças podem derivar para análises de situações de equilíbrio estático. Por exemplo, a figura a seguir poderia servir de modelo para iniciar uma discussão sobre o equilíbrio de um sistema, no breve período em que os bailarinos se mantêm estáticos em uma apresentação acrobática de *Chinese Pole Dancing*.



Chinese Pole Dancing. ***Fonte: Greg. Chinese Pole Dancing. 2005. Disponível em: https://commons.wikimedia.org***

Outra dança acrobática que pode ser bem interessante para introduzir a discussão sobre as oscilações é a praticada pelos acrobatas de "*Sway Pole*", literalmente "Postes Oscilantes". Nessa performance, dançarino(a)s ficam balançando ao vento, preso(a)s em bastões flexíveis, em um estilo de atuação que combina teatro, dança e circo. O(a)s artistas apresentam-se balançando no ar, no alto de hastes flexíveis, criando uma imagem única e fascinante. A flexibilidade e a resistência dos bastões permitem que o(a)s artistas se curvem em ângulos bem acentuados, balançando para frente e para trás em uma dança visualmente cativante.



Sway Pole. ***Fonte: Vanessa Infanzon*. Dançarinos acrobatas no *Charlotte International Arts Festival*. *2022. Disponível em: https://www.charlotteobserver.com***

Nas apresentações de danças também são frequentes movimentos aéreos, como por exemplo no Forró, quando o cavalheiro eleva a dama na vertical. Esse movimento de elevação, com ganho de energia potencial gravitacional, é geralmente antecipado por uma aproximação da bailarina com certa velocidade, ou seja, com uma energia cinética adequada. Assim, esses movimentos podem ser utilizados para uma discussão sobre energia mecânica.



Movimento aéreo no forró. Fonte: Natália Bezerra*. Apresentação de forró. *2008. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Os movimentos aéreos também aparecem na capoeira - uma manifestação cultural afro-brasileira que envolve elementos de dança, arte marcial, música, jogo e religiosidade. Neles pode-se discutir o movimento do Centro de Massa do corpo ou ainda a discussão pode ser dentro da temática energia.



Salto na capoeira. Fonte: Joeri Cornille.* Capoeira.** ***2005. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

O mesmo acontece no balé – dança originária nas cortes da Itália renascentista durante o século XV. Nessa dança clássica diferentes tipos de saltos podem ser analisados.



Salto no balé. Fonte:* Tänzerin Katja Morozova.** ***2014. Disponível em: https://imaedia.de

O movimento de um corpo em um plano inclinado – tema clássico quando se discute as aplicações das Leis de Newton - também pode ser analisado, por exemplo, na performance artística *Plan B*, dos coreógrafos Aurélien Bory e Phil Soltanoff.



Plan B. ***Fonte: Compagnie 111.* Plan B.** ***2013. Disponível em: https://www.cie111.com/en/spectacles/plan-b/.***

Outra possibilidade é a utilização de uma dança folclórica mexicana – a Dança dos Voadores – que também pode servir de mote para a discussão dinâmica do movimento curvilíneo e o tradicional pêndulo cônico.

A Dança dos Voadores é uma dança da tradição mexicana, com séculos de existência, na qual os bailarinos sobem em um poste a 30 m de altura e, posteriormente descem, com uma corda atada numa das pernas e numa plataforma girante que está no alto do poste. Esta cerimónia indígena é praticada em vários estados mexicanos, particularmente no estado de Puebla.



Dança dos Voadores. Fonte: George Daza. Ritual histórico de los Voladores de Papantla. 2022. Disponível em: https://commons.wikimedia.org

Assim, com esses e outros exemplos possíveis, pode-se observar que nas diversas modalidades de dança, sejam elas folclóricas, de salão, clássicas, contemporâneas, entre outras modalidades, há um imenso repertório para a exploração dos movimentos do ponto de vista físico. Quando analisadas fisicamente, as danças contemplam conceitos que no estudo da Mecânica básica são muito importantes

Com a pesquisa, buscou-se aproximar duas áreas de conhecimento situadas em dois campos do saber que – aparentemente – não apresentam intersecções ou mesmo aproximações. Dessa forma, a Ciência – a Física em particular – também foi tratada no trabalho como um elemento do largo espectro da cultura, tal qual outros fazeres humanos tradicionalmente são assim considerados: a literatura, a música, a moda, a gastronomia, a religião, o esporte, os costumes, a política, entre outros.

Referência

PANTANO FILHO, Rubens. **A Dança e as Leis do Movimento**: uma Proposta para o Ensino de Física. 2024. 218 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física) – Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2024.



As Comissões da ALI

ali.org.br/comissao

Desde a sua implantação, a Academia de Letras de Indaiatuba (ALI) vem trabalhando por intermédio de suas diferentes comissões, cada qual com sua Coordenação, seus membros e seu cronograma de ações.

Algumas foram decisivas para a própria organização da Academia como, por exemplo: a Comissão do Estatuto e do Regimento Interno, a Comissão de Editais e a Comissão de Paramentos.

Outras são fundamentais para o bom andamento dos eventos e reuniões ordinárias, como é o caso da Comissão de Eventos. Nunca falta um café quentinho, um suco, um patê e umas bolachinhas para agraciar cada encontro. Os membros da Comissão de Eventos são aqueles que chegam antes e vão embora bem depois, trabalhando duro para que esteja tudo perfeito, antes, durante e depois de cada encontro.

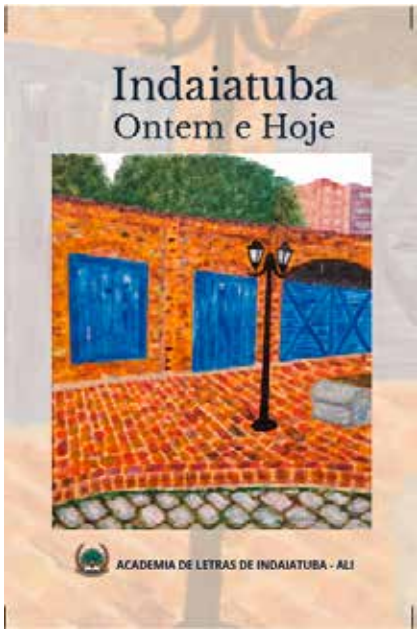


Campanha para arrecadação - Parceria entre a ALI e o FUNSSOL. Fonte: acervo da ALI.

As Comissões são os braços da Diretoria. São os elaboradores e executores de cada projeto que faz a Academia brilhar.

A Comissão de Feiras Literárias leva autores e obras a espaços públicos, ao mesmo tempo divulgando o trabalho de cada um e fomentando ações conjuntas em prol da literatura de Indaiatuba.

Já a Comissão Editorial é a responsável por organizar a coletânea anual dos membros da ALI e esta revista digital. Este ano inovou, organizando uma eleição para escolher a capa da coletânea 2026.



Capa da 2ª Coletânea – 2026. Fonte: acervo da ALI.

A Comissão de Marketing é aquela responsável por divulgar cada ação da Academia de Letras pelas mídias sociais, tais como Instagram, Facebook e o próprio site oficial da Academia, garantindo uma comunicação que assegure a consolidação da imagem pública da ALI.

A Comissão dos Clubes de Leitura organiza atualmente dois clubes de leitura: um exclusivo a acadêmicos e outro aberto a demais pessoas da sociedade, que se reúnem bimestralmente, de forma intercalada, incentivando o hábito da leitura. Foi esta Comissão que organizou um importante encontro sobre literatura russa, trazendo um laboratório de leitura sobre o livro "A morte de Ivan Ilitsh" de Liev Tolstói.



Conversa sobre o livro "O último Natal e outras histórias". Fonte: acervo da ALI.

A Comissão de Educação tem cronograma de contação de histórias em escolas de período integral da Rede Municipal de Ensino de Indaiatuba e também já está ampliando suas ações para as escolas estaduais. Esta comissão ganhou subsídio da Banco Sicredi e recebeu verba para aquisição de materiais de apoio: data show, microfones, notebook e materiais pedagógicos, como o baú do escritor. Este subsidio foi fruto de um edital do banco, no qual o projeto da Comissão foi um dos selecionados. Orgulho para a Academia e mais possibilidade de atuação da própria comissão.

Estas comissões são aquelas que tem trabalho contínuo, nunca param. Mas há outras com trabalho mais pontual, como por exemplo a Comissão da Primeira Infância, que organizou em agosto uma mesa redonda para debater questões relacionadas à primeira infância, ao brincar, ao desenvolvimento infantil e à própria lei, o marco da Primeira Infância, trazendo profissionais de grande destaque na área jurídica e educacional.

Todas estas Comissões têm elevado o nome da ALI, com seus apoios estratégicos, planejando, organizando e executando ações específicas que têm assegurado o desenvolvimento da própria Academia e de seus membros.

Para saber mais sobre cada uma das comissões, seus coordenadores, seus membros, acesse o link: *ali.org.br/comissao*



Encontro sobre a Primeira Infância realizado pela ALI. Fonte: acervo da ALI.

Academia de Letras de Indaiatuba

MEMBROS EFETIVOS

José Henriques Martins
Cadeira n.º 01 – Patrono: Machado de Assis

Jacimara Martins Siqueira de Miranda
Cadeira n.º 02 – Patrona: Cora Coralina

Analma Queiroz Moura
Cadeira n.º 03 – Patrona: Carolina Maria de Jesus

Adriana Silva Barbosa
Cadeira n.º 04 – Patrona: Maria Firmina dos Reis

Marcelo Castro Bomfim
Cadeira n.º 05 – Patrono: Castro Alves

Maria José Amgarten Rodolfo Gonella
Cadeira n.º 06 – Patrona: Sylvia T. de C. Sanazzaro

Sueli de Sá Giovani
Cadeira n.º 07 – Patrono: Nabor Pires Camargo

Darcio Calligaris
Cadeira n.º 08 – Patrono: Augusto dos Anjos

Cintia Henriques
Cadeira n.º 09 – Patrona: Clarice Lispector

Mariane Gomes Sievert Naschenweng
Cadeira n.º 10 – Patrona: Antonieta de Barros

Renato Paulo Schmidt
Cadeira n.º 11 – Patrono: Carlos Drummond de Andrade

Vaga
Cadeira n.º 12 – Patrono: Guimarães Rosa

Lilian de Lourdes Oliveira Henriques
Cadeira n.º 13 – Patrono: Ariano Suassuna

Jane Shirley Escodro Ferretti
Cadeira n.º 14 – Patrono: Rubem Alves

Jonas Peres Loureiro
Cadeira n.º 15 – Patrono: Farias Brito

Silvane Leite Poltronieri
Cadeira n.º 16 – Patrona: Hilda Hilst

Maria Rosângela da Silva
Cadeira n.º 17 – Patrona: Cecília Meireles

Alberto Martins
Cadeira n.º 18 – Patrono: Pablo Neruda

Alexandre Cardoso
Cadeira n.º 19 – Patrono: José de Alencar

Álvaro Roberto Rezende Junior
Cadeira n.º 20 – Patrono: Darcy Ribeiro

Carlos Olímpio Pires da Cunha
Cadeira n.º 21 – Patrono: Ulysses Guimarães

Éliton Meireles de Moura
Cadeira n.º 22 – Patrono: Paulo Freire

Fernando Mota Dias
Cadeira n.º 23 – Patrono: Dias Gomes

Flávia Girardi
Cadeira n.º 24 – Patrono: Érico Veríssimo

Guilherme Vinícius Menezes Silva
Cadeira n.º 25 – Patrono: Jean Paul-Sartre

Jairo E. C. da Silva
Cadeira n.º 26 – Patrono: Dr. Adolfo Cavalcanti Bezerra de Menezes

João Marques da Fonseca Neto
Cadeira n.º 27 – Patrono: Monteiro Lobato

José Onério da Silva
Cadeira n.º 28 – Patrono: Francisco Cândido Xavier

José Pires da Cunha
Cadeira n.º 29 – Patrono: João Tibiriçá de Piratininga

Marta Ribeiro da Silva
Cadeira n.º 30 – Patrono: Fernando Pessoa

Rubens Pantano Filho
Cadeira n.º 31 – Patrono: Mário Quintana

MEMBROS CORRESPONDENTES

Djalma Faria
Fernanda Misumi
Glauco Humai
Marcos Vieira
Renato Aparecido Ferreira Benedetti

MEMBROS HONORÁRIOS

Antônio da Cunha Penna
Deize Clotildes Barnabé de Morais
Henrique Augusto Steve
José R. Guedes de Oliveira
Nye Ribeiro Silva
Luiz Alberto Pereira
Sérgio José Teixeira


URA-SE PROCURA-SE PROC
PEÇAS NATALINAS
ESTAMOS CAPTANDO TODOS OS TIPOS
DE ITENS NATALINOS!
(19) 99008-4049
@pecararaindaiatuba
Rua Tuiuti, 277, Centro, Indaiatuba/SP
peça
rara
BRECHÓ

REVISTA

Vozes & Letras

ACADEMIA DE LETRAS DE INDAIATUBA

FoxTablet

A sua editora de publicações
impressas e **digitais!**

Livros • Revistas • Jornais • eBooks • eMagazines

www.foxtablet.com.br | contato@foxtablet.com.br | (11) 9.8689-1789